



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

MARIA JUSCILENE UCHÔA DA COSTA ALVES

**A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR OS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA
INGLESA**

**ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS REFLEXIVAS E
ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA**

**SÃO PAULO
2017**

MARIA JUSCILENE UCHÔA DA COSTA ALVES

**A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR OS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA**

Monografia apresentada
como exigência parcial para
obtenção do título de Especialista
em Práticas Reflexivas e Ensino-
Aprendizagem de Inglês na Escola
Pública, sob orientação da
Professora Mestre Luciana Penna.

**SÃO PAULO
2017**

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia, por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que citada a fonte.

Assinatura: _____ São Paulo, ____/____/____

ALVES, Maria Juscilene Uchôa. A importância de motivar os alunos do ensino fundamental II da rede pública no ensino de Língua Inglesa. São Paulo: 2017.

Monografia (Especialização) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Área de concentração: Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Orientador: Professora Mestre Luciana Penna

Palavras-chave: motivação, aprendizagem, metodologia, professor e aluno, reflexão-ação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os envolvidos neste trabalho que pacientemente souberam compreender as minhas dificuldades, erros, não convívio com a família, férias do mês de julho que não existiram e muitos outros momentos em que não pude estar com elas.

Agradecimento especial ao meu marido e gratidão eterna por infinita paciência em deixar-me escrevendo por horas a fio sem me interromper. A minha filha Letícia que me ajudou e me ensinou a fazer gráficos diferenciados e a minha filha Tábata que fez almoço muitas vezes para que eu pudesse me dedicar dias e dias a este trabalho e a minha amiga Rosangela Cornélio que está sempre disposta a me ouvir e me incentivar nos trabalhos profissionais e sociais.

Um imenso obrigada a Professora Mestre Luciana Penna que me ensinou como pensar, pesquisar e tornar esta monografia possível e me mostrou que é possível modificar as aulas sem tanto sofrimento.

E não poderia deixar de citar um emocionado e profundo agradecimento a Fundadora do Curso Práticas Reflexivas e ensino-aprendizagem de inglês na escola pública Maria Antonieta Alba Celani, pois ela tornou possível eu rever os meus paradigmas e acreditar que sou capaz de modificar as aulas mesmo tendo tanto anos de magistério, sem dúvida uma inspiração a prosseguir e estudar sempre.

“A tarefa mais importante e mais difícil para o professor não é ensinar, mas ouvir (...) Os professores raramente são treinados para ouvir aos silêncios e as crenças implícitas de seus alunos”.
(Kramsch,1993,p. 45)

RESUMO

Este trabalho visa melhorias para o aluno e para o professor de Língua Inglesa que diante dos desafios cotidianos que se depara com muitas dificuldades para a aplicação de conteúdos e fatores para motivar o aluno da rede pública municipal. A pesquisa levantou as expectativas dos alunos em relação à Língua Inglesa e como podemos utilizar essas expectativas do aprendiz com as necessidades básicas da aprendizagem da língua. O referencial teórico desta pesquisa e dos instrumentos que utilizei está embasado nos seguintes autores: Rogers (1977) e sua abordagem centrada na pessoa, Hutchinson and Waters (1987) que verifica as Línguas para fins específicos, Celani (2001), refere-se à transformações dos professores de língua inglesa, Leffa (2002) que nos mostra os objetivos do ensino-aprendizagem da língua estrangeira, Ramos (2005) nos indica a importância de usar textos autênticos em sala de aula; Rizzini (1999) com as características da pesquisa participativa; Liberali (2008) e a formação crítica de educadores dentre outros estudiosos e pesquisadores de forma direta ou indireta que também serviram de apoio para que esta pesquisa fosse realizada e concluída com êxito. Ademais, este estudo está pautado nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira – PCN-LE (Brasil, 1998), pois é promovida a construção do conhecimento mais significativa do aluno e para a professora-pesquisadora, este documento contribuiu para reflexão, análise e replanejamento das aulas. A metodologia de pesquisa abordada foi a qualitativa que tem como estratégia o estudo de caso. A pesquisa realizou-se em salas de sexto ano, perfazendo um total de 80 alunos. Houve entrevistas com alguns alunos, questionário com perguntas abertas e fechadas, diário de campo e rodas de conversa. Todos esses instrumentos auxiliaram a finalizar com êxito a presente pesquisa, porque houve muita observação dos fatos ocorridos em sala de aula. Com o resultado da coleta de dados houve a reformulação do planejamento, mudança de atitudes e didáticas. Os resultados trouxeram novos paradigmas de práticas em sala de aula, aumentando a percepção do professor do que realmente é necessário aplicar em sala de aula.

Palavras-chave: autonomia, motivação aprendizagem, didática do professor, reflexão-ação.

ABSTRACT

This work aims at improvements for the pupil and for the teacher of English Language than before the daily challenges that comes across many difficulties for the application of contents and factors to cause the pupil of the municipal public net. The inquiry lifted the expectations of the pupils regarding the English Language and as we can use these expectations of the apprentice with the basic necessities of the apprenticeship of the language. The theoretical referential system of this inquiry and of the instruments that I used is embasado in the next authors: Rogers (1977) and his approach centered in the person, Hutchinson and Waters (1987) who checks the Languages for specific aims, Celani (2001), refers to the transformations of the teachers of English language, Leffa (2002) that in shows the objectives of the teaching-apprenticeship of the foreign language, Ramos (2005) indicates us the importance of using authentic texts in classroom; Rizzini (1999) with the characteristics of participatory research, Liberali (2008) and the critical training of educators among other scholars and investigators of straight or indirect form who also served of support so that this inquiry was carried out and ended with result. Besides, this study is ruled in the Parameters Curriculares Nacionais of Foreign Language – PCN-LE (Brazil, 1998), so there is promoted the most significant construction of the knowledge of the pupil and for the research teacher, this document contributed to reflection, analysis and replanning of the lessons. The methodology of boarded inquiry was the qualitative one that takes the case study as a strategy. The inquiry happened in rooms of sixth year, when a total of 80 pupils is completing. It had glimpsed with some pupils, questionnaire with open and shut questions, diary of field and wheels of conversation. All these instruments helped finishing with result the present inquiry, because there was great observation of the facts occurred in classroom. With the result of the collection of data there was the reformulation of the projection, change of attitudes and educational. The results brought new paradigms in classroom practice increasing the perception of the teacher of what really is necessary to apply in classroom.

key words: autonomy, motivation, learning, teacher's didactics, reflection-action.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
1.1 O que é motivação?	17
1.1.1 A motivação do ser humano	17
1.1.2 Motivação no contexto escolar	18
1.2 Dificuldades dos alunos na aprendizagem de inglês.....	19
1.3 Dificuldades do professor e aluno sobre o inglês	21
1.4 Autonomia em Língua Inglesa.....	22
1.5 Aprendizagem Significativa	23
1.6 Reflexão do professor.....	26
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	28
2.1 Tipo de Pesquisa.....	28
2.2 Contexto da Pesquisa	30
2.2.1 – Local/comunidade.....	30
2.2.2 – A escola	31
2.3 –Participantes da pesquisa	31
2.3.1 – Os alunos.....	32
2.3.2 – A professora pesquisadora	33
2.4 – Instrumentos de coleta de dados	36
2.4.1 Questionário dos alunos	36
2.4.2 Gravações das aulas	37
2.4.3 Diários da professora.....	38
2.4.4 Entrevista.....	38
2.4.5 Roda de Conversa	39
2.5 Procedimentos de análise	39
2.5.1 Descrição dos instrumentos e como foram aplicados	40
CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	41
3.1. Questionário dos alunos2 (anexo3).....	41

3.2 Gravação de aula	65
3.3 Entrevista	68
3.4 Diário e descrição de aula	69
3.4.1 Diário 1	70
3.4.2 Diário 2	71
3.5 Roda de conversa	72
CAPÍTULO 4 - PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO DO	
PLANEJAMENTO/INTERVENÇÕES	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82

ÍNDICE DOS ANEXOS

ANEXO 1 - Processos da pesquisa.....	91
ANEXO 2 - Questionário 1	92
ANEXO 3 - Questionário 2	94
ANEXO 4 - Planejamento anterior.....	96
ANEXO 5 - Replanejamento atual.....	97
ANEXO 6 - Autorização de imagem	98
ANEXO 7 - Fotos da escola e dos participantes da pesquisa	99
ANEXO 8– Dinâmica-roda de conversa	100
ANEXO 9 - Atividade da Gravação de Aula	101

ÍNDICE DOS GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 - Importância do curso de Inglês fora da escola	45
Gráfico 2 - A importância do inglês na vida.....	46
Gráfico 3 - Quem é o melhor professor de Inglês?.....	48
Gráfico 4 - O que mais gosta de fazer com o inglês?.....	50
Gráfico 5 - Você tem motivação nas aulas de Inglês?	51
Gráfico 6 - Desde que você estuda inglês, a tua motivação é a mesma?	53
Gráfico 7 - Como você se sente ao falar inglês na sala de aula?.....	54
Gráfico 8 - O que precisa ser mudado nas aulas de Inglês?.....	56
Gráfico 9 - O que é mais fácil aprender: Inglês ou Português?	57
Gráfico 10 - Como você se sente hoje nas aulas de Inglês?.....	59
Gráfico 11- O que você achava das aulas de inglês anteriormente?	61
Gráfico 12-Quais atividades deveriam ser dadas mais vezes?	62
Gráfico 13 - Como dever ser um bom professor de Inglês?	63
Tabela 1- Análise do total de alunos que acham importante um curso de inglês fora da escola.....	46
Tabela 2- Análise do total de alunos que acham o inglês importante em sua vida.....	47
Tabela 3 - Quem é o melhor professor de inglês?	49
Tabela 4 - O que mais gosta de fazer com o inglês?	50
Tabela 5 - Você tem motivação nas aulas de inglês?	52
Tabela 6 - Desde que você estuda inglês, a tua motivação é a mesma?	54
Tabela 7 - Como você se sente ao falar inglês na sala de aula?	55
Tabela 8 - O que precisa ser mudado nas aulas de Inglês?	57
Tabela 9 - O que é mais fácil aprender: Inglês ou português?	58
Tabela 10 - Como você se sente hoje nas aulas de Inglês?	60
Tabela 11 - O que você achava das aulas de inglês anteriormente?.....	61
Tabela 12 - Quais atividades deveriam ser dadas mais vezes?.....	63
Tabela 13 - Como dever ser um bom professor de Inglês?.....	64

INTRODUÇÃO

"Tell me what you need English for and will tell you the English that you need". (Hutchinson & Waters, 1987, p.8) ¹

Verifica-se que a palavra motivação e seus efeitos estão presentes no cotidiano escolar e mais especificamente às aulas de Língua Inglesa e por ser uma língua tão diferente da língua materna os alunos sentem dificuldades de adentrar a esse conhecimento de uma língua estrangeira e o professor tem uma preocupação constante em motivá-los. Além disso, faz-se necessário dar continuidade a essa motivação. Segundo Crookes e Schmidt (1991) a motivação é fundamental "na medida em que controla o engajamento e a persistência nas tarefas de aprendizagem". Percebemos que o interesse do aluno a determinados assuntos o leva a participar das aulas, porque o fator motivação o incentivou a novas descobertas daquele tema estudado.

Vejamos na continuidade deste trabalho, como se dá o desenvolvimento dessa língua? Por qual razão é tão importante motivar o aluno a aprender a Língua Inglesa e como fazê-lo? O que é motivação?

Considerando que o inglês tem se tornado uma língua mundialmente falada por mais de um bilhão e 350 milhões de pessoas e essa língua vem adentrando todos os meios nacionais e internacionais de nosso planeta (Crystal, 1997) o número de aprendizes sejam eles motivados ou não para a aprendizagem dessa língua tem tido um acréscimo bastante considerável em relação a anos anteriores, pois o inglês é uma língua necessária e não mais esporadicamente falada em alguns lugares. Segundo Gimenez (2001):

"inglês não é apenas uma língua internacional, mas a língua da galáxia, e caso ignoremo-nos, poderemos nos sentir como seres de outro planeta" (2001, p.296).

Tendo o inglês uma função tão relevante no meio em que estamos inseridos faz-se necessário que o aluno esteja motivado para aprendê-la. O aprofundamento desse tema vem ganhando destaque em algumas áreas, dentre elas a educação. Portanto este trabalho traz como enfoque a motivação do aluno da rede pública em sala de aula, desafios do professor de língua

¹ "Diga-me para que você precisa de inglês e eu lhe direi o inglês de que você precisa"

inglesa à aprendizagem dessa língua. Um dos fatores que torna o aluno motivado é a aprendizagem contextualizada e que o aluno perceba que vai utilizar o que aprendeu.

Observa-se que a dificuldade do despertar do aluno para a aprendizagem desta língua ocorre ante a dificuldade de entender a língua estrangeira e que ela pode ser usada em seu cotidiano. Esta colocação nos remete à Celani (2001, p. 30) afirma que “[...] o ensino não pode ser separado da realidade social dos alunos e que se deve trazer para a sala de aula temas que sejam relevantes para a realidade dos estudantes (...)”.

A motivação e a dificuldade de aprendizagem da Língua Inglesa na rede pública tem sido uma busca constante em várias pesquisas e investigando outros pesquisadores que adentraram temas similares a essa pesquisa que é a importância de motivar os alunos do ensino fundamental II da rede pública no ensino de Língua Inglesa, cito Costa e Silva (2003) que investiga a importância da motivação no aprendizado de uma segunda língua. A pesquisadora fomenta sobre o papel do professor e sua dificuldade em trazer à sala de aula atividades que motivem à aprendizagem. Frigotto (2006) faz uma busca pelas possíveis causas das dificuldades de aprendizagem da língua estrangeira. Malta e Teixeira (2009) pesquisam as causas do desinteresse dos alunos de escola pública pelo ensino de língua inglesa e a intervenção da Psicopedagogia como forma de solução ou intervenção. Em conformidade com minha pesquisa, trago ainda outros pesquisadores que adentraram o mesmo tema e alguns dos recursos que foram utilizados nessa pesquisa. Hirano (2012) cujo trabalho fala da desmotivação dos alunos e suas conseqüências e apresenta estratégias que propiciem a motivação. Sacramento (2012) que nos aponta a desmotivação do professor. Aguiar (2013) utiliza em sua pesquisa alguns instrumentos dos quais eu também utilizei para chegar às conclusões como o questionário nos anexos 1 e 2. Parente (2013) analisa a motivação ou desmotivação em sala de aula de Língua Inglesa, apresentando também processos em que passam os alunos para a ocorrência da motivação ou desmotivação.

O objetivo específico desta pesquisa foi motivar os alunos do ensino fundamental II da rede pública no ensino de Língua Inglesa e dentro desta perspectiva, entender também a real dificuldade dos alunos em relação a essa

língua, pois me apropriando disso, poderei adentrar no universo do aluno proporcionando aulas mais prazerosas. Os passos e análises da pesquisa realizada estão no Fluxograma (anexo 1). O instrumento inicial da pesquisa foi o questionário (anexo 3) para verificar *needs*, *lacks* e *wants*² dos alunos. A pesquisa retrata uma experiência realizada em três salas de aulas, cujos alunos têm entre 11 e 12 anos, mais especificamente do 6º A, B e C do Ensino Fundamental II da rede municipal.

A pesquisa mostra a necessidade de cada aluno e quais são os fatores para uma aprendizagem permanente e o que causou tanta resistência ou mudança comportamental ante o aprendizado de inglês e o decorrer das séries em que eles passam, a desmotivação é algo quase que automática em alguns alunos. Outrossim, a pesquisa e os resultados trouxeram inovações para motivar os alunos às aulas, utilizar músicas escolhidas por eles, games via celular e outras sugestões advindas dos participantes da pesquisa. Os resultados da pesquisa trouxeram ao professor e alunos envolvidos norteamento na construção do conhecimento e ampliação da aprendizagem gerando a motivação em sala de aula.

O resultado deste trabalho desenvolvido pôde proporcionar que o aluno adentre a disciplina de forma mais ampla e sendo inserido em sociedade alcancem em sua maioria, diferentes participações de destaque em seu contexto de vida, podendo utilizar a língua inglesa apreendida em sala de aula em várias situações cotidianas.

Em consonância com a afirmação do parágrafo anterior, os PCN (1998, p. 63), afirmam que a inclusão no currículo de língua inglesa deve considerar a história e a comunidade local para um melhor desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Os PCN (1999, p.63), quem relacionam os temas transversais com a articulação com os conteúdos de Língua Estrangeira, o que possibilita o engajamento com o seu viver social.

Nessa pesquisa os resultados de Needs Analysis nos mostram as expectativas do aluno que são verificadas através das respostas do questionário (anexo 3) e dos gráficos que permitiram a precisão desses

²Needs (necessidades), lacks (lacunas) e wants (desejos).

resultados, a reestruturação do planejamento de 2016 (anexo 4) e o replanejamento de 2017 (anexo 5) e as reflexões da pesquisadora acerca de ministrar aula e promover a motivação nos alunos para a aprendizagem da Língua Inglesa.

A pesquisa possibilita alternativas de motivar os alunos do ensino fundamental II na aprendizagem de Língua Inglesa e dentro dessa perspectiva investigar as dificuldades de encontros e desencontros do professor e dos alunos em relação à disciplina e inovar as didáticas em sala de aula para motivar os alunos às aulas de Língua Inglesa.

Embora os problemas citados nessa pesquisa possam ser os mesmos desvelados por outros pesquisadores ainda assim, essa pesquisa traz as seguintes contribuições ao professor: dinâmicas diferenciadas em sala de aula (anexo 8), questionamentos que podem promover a reflexão de professores que desejam despertar a motivação em sala de aula, replanejamento (anexo 5) baseado no estudo para essa pesquisa.

As perguntas que nortearam essa pesquisa são:

1 – Qual a visão dos alunos sobre as aulas de Língua Inglesa?

2 - A partir das reflexões do aluno, como adaptar o Planejamento do ensino de Inglês no 6º ano?

Dada a relevância do tema à motivação dos alunos de ensino fundamental II para as aulas de Língua Inglesa essa pesquisa foi necessária para agrupar necessidades às aulas de Inglês, promover a descoberta dos alunos sobre a importância dessas aulas de Língua Inglesa e concomitante a isso, auxiliar a professores e pesquisadores com interesse no tema.

No primeiro capítulo temos as concepções dos alunos sobre aprender inglês, considero a motivação dos alunos nesta disciplina que para alguns é a primeira vez em que entram em contato com esta língua estrangeira, pondero a didática e a necessidade de inovação. No segundo capítulo apresento a metodologia da pesquisa, detalhes do contexto e participantes da pesquisa, bem como a escolha do método de estudo de caso, os procedimentos para a coleta de dados. No terceiro capítulo há a discussão dos resultados, demonstração dos instrumentos utilizados na pesquisa e reflexões da

professora pesquisadora. Nas Considerações Finais com base na análise dos questionários e outros instrumentos apresentados demonstro uma aprendizagem efetiva dos envolvidos: professor e aluno com a reconstrução do Planejamento e didáticas diferenciadas em sala de aula que possibilitem a continuidade da motivação dos alunos em sala de aula e desdobramentos para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os conceitos que permeiam a minha pesquisa são: motivação concepções de ensino-aprendizagem de inglês, autonomia, aprendizagem e reflexão-ação do professor. À vista disso, apresento os fundamentos teóricos que trouxeram sustentação a esta pesquisa realizada.

1.1 O que é motivação?

1.1.1 A motivação do ser humano

Segundo Vernon (1973, p. 11) motivação é uma força que vem de dentro para fora, responsável pelas atitudes que nos levam a atingir nossos objetivos.

Em conformidade Dörnyei (2001, p. 8), afirma que: [...] “a motivação envolve a escolha de uma ação particular, a persistência nessa escolha e o esforço subsequente nessa escolha”. Nessa perspectiva, observamos que as pessoas motivadas fazem suas escolhas, mas também precisam levar adiante a sua motivação, mesmo diante das dificuldades de percurso.

Constata-se que motivação é um elemento importante na vida do cidadão, devido à motivação, o ser humano se impulsiona para a realização de seus desejos e para alcançar os seus objetivos.

Observemos 3 teorias de motivação³:

- a) A teoria Behaviorista cujo fundador foi John Broadus Watson, a motivação tem caráter externo, a motivação é produto do meio.
- b) A teoria Cognitiva com Kurt Lewin a defender que as escolhas que motivam os indivíduos tem fator externo, mas concomitante a isso temos o raciocínio que faz as escolhas.
- c) A teoria Psicanalítica, Sigmund Freud com estudo sobre a psiqueⁱ humana e suas motivações. Aqui o comportamento vem da motivação inconsciente e os impulsos instintivos.

Aprofundando sobre motivação, Robbins (2002, p.160) diz que “Disponibilizar recompensas externas a comportamentos que já foram

³Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/27945840/As-4-Teorias-da-Motivacao>> Acesso em: 18 de novembro de 2017.

recompensados intrinsecamente tende a diminuir o nível geral de motivação do indivíduo”. E dentro das motivações temos a motivação intrínseca, cuja motivação do indivíduo vem de dentro de si para alcançar o objetivo desejado, sem pensar em recompensa e sim pela responsabilidade que já existe dentro da pessoa e a motivação extrínseca, a motivação do indivíduo que depende dos fatores externos; os atos cometidos dependem do prêmio ou sanção que será recebida. Vários autores discutem esses dois tipos de motivação intrínseca e extrínseca são eles: Witter e Lomônaco (1984), Brown (1994), Bergmann (2002), dentre outros.

Na teoria behaviorista e condicionante de Skinner (1974) a motivação vem de fora, ou seja, a motivação é gerada a partir da recompensa. “Nossas vontades, desejos, necessidades, impulsos e instintos são também fruto de nossa relação com o ambiente. “Por mais que atribuir a uma força interior” seja mais tentador – mais belo, mais poético, mais profundo” (Skinner, 1974).

Vejamos agora considerações acerca de motivação escolar, uma dificuldade que assola uma grande parte dos professores do ensino da rede pública.

1.1.2 Motivação no contexto escolar

Dentro dessa ótica de motivação, vários estudos nos mostram que a motivação dentro do contexto escolar é fundamental, principalmente na disciplina de Língua Inglesa, com enormes desafios ao professor que precisa desenvolver estratégias para envolver o aluno no processo de ensino-aprendizagem e mantê-lo motivado para querer aprender essa língua.

Motivação no contexto escolar é o meio que possibilita trazer os alunos a uma efetiva aprendizagem.

Há muitos autores que se debruçam a respeito da dificuldade do professor em relação a impulsionar os alunos a se motivarem às aulas de inglês, Echeli (2008),

(...) o professor, como organizador da situação de aprendizagem, pode influenciar o nível de motivação dos alunos através da determinação das atividades propostas, das formas de avaliação e informações sobre o desempenho dos alunos nas atividades realizadas. Por isso, se o professor quiser promover a motivação, deve planejar tarefas adequadas ao aluno. (ECHELI, 2008, p-8).

Estar motivado às aulas depende de uma série de fatores, como: gostar do que se está fazendo, ter um objetivo para praticar aquela realização, ter aulas que estejam de acordo com seus anseios, ou seja, aulas em que o aluno perceba onde ele usará o conteúdo aprendido.

Referencio também Nóvoa (2008, p.15) que nos aponta que a igreja controlava os professores religiosos, no entanto os professores contemporâneos vivem sob controle ou regime estatal, não saindo da teia já feita pelo Poder Público. Dentro dessa dificuldade de libertar-se o professor acomoda-se não se esforçando por aprofundar-se no cognitivo do aluno e ministrando aulas sem motivá-lo, pois o cotidiano escolar é descontextualizado do meio em que o aluno vive ou mesmo do que ele traz consigo. E a contextualização escolar é um dos caminhos para trazer a motivação e causar brilho nos olhos dos alunos às aulas.

É primordial que o professor ofereça ao seu aluno incentivo para fazer as atividades, sendo assim a motivação no contexto escolar pode ocorrer sem dificuldades no aprendizado. Pilletti (1997, p. 233) nos traz que a motivação didática é decorrente do estímulo apropriado ao aluno é o que traz o aprendizado efetivo e uma relação dialógica entre professor e aluno facilitam o cotidiano.

Tendo como objetivo dar continuidade às dificuldades de motivação a aprender a Língua Inglesa, vejamos no próximo item as dificuldades dos alunos no ensino de Inglês.

1.2 Dificuldades dos alunos na aprendizagem de inglês

Em relação às dificuldades e fracassos ao ensino de língua estrangeira Leffa (2011) nos aponta,

Procuro lançar dois olhares sobre o fracasso do ensino de LE na escola pública: o primeiro, voltado para trás, procurando localizar a origem do fracasso; o segundo, olhando para frente, tentando vislumbrar possíveis soluções. Entendo que há várias maneiras de ver esse fracasso, desde a criação de bodes expiatórios até a apoteose da carnavalização (...) (LEFFA 2011, p. 15-16).

Com o contínuo crescimento da língua, na concepção de muitos alunos o inglês é algo distante e encontram muitas dificuldades e conflitos para

aprender inglês quando se deparam com a parte fonética da linguagem, pois a sua etnia, sua fala e suas características singulares muitas vezes geram um desafio para apropriar-se do inglês.

Vemos que “aprender uma língua estrangeira é mais que adquirir um conjunto de formas linguísticas gramaticais, lexicais e fonológicas; mais importante, é uma reconstrução de eus” (Zacharias, 2010, p. 27).

De acordo com Leffa (2002), o inglês adquiriu um status de língua internacional, tendo em vista as inúmeras escolas particulares de língua inglesa, currículo escolar, cursos à distância, jogo de vídeo game cujas frases são todas em inglês. O inglês tem ganhado destaque por todo o mundo, principalmente no Brasil. De acordo com Rajagopalan (2002)⁴, o inglês é muito valorizado no Brasil, onde ensinar e aprender inglês adquiriu um papel comercial, “está sendo construído um poderoso fetichismo, que os demiurgos do mundo do marketing rapidamente passaram a explorar” (Rajagopalan, 2002, p.115). A língua inglesa representa um prestígio de melhorar de vida e por entender ser um meio lucrativo os cursos de inglês crescem de forma avassaladora. Esse crescimento contínuo também é responsável pela curiosidade do aluno a aprender o inglês, pois está fazendo parte de tantos meios de comunicação que o aluno sente a pressão e a necessidade de aprendê-la mesmo que não goste, precisa estar inserido no ensino da Língua Inglesa.

Saliento ainda neste capítulo outros autores que refletem sobre as dificuldades e processos no ensino-aprendizagem.

Demo (2004, p. 60) menciona a aprendizagem sendo um:

“processo dinâmico, complexo não linear, de teor autopoietico, hermenêutico, tipicamente interpretativo, fundado na condição de sujeito que participa desconstruindo e reconstruindo conhecimento”

(DEMO 2004, p. 60)

A aprendizagem de línguas estrangeiras ainda encontra dificuldades de aceitação por parte dos alunos da rede pública por conta das atividades

⁴ Disponível em: <<http://www.academia.edu/3182491/Ingles>>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

centradas no professor e não no aluno. Diante dessa afirmação cito Vygotsky (1993) nos revela que para ocorrer à autonomia da aprendizagem, temos o conceito de mediação, que ocorre não somente com a presença do professor, mas também na interação com o outro, no meio em que o aluno está inserido. Ainda que durante certo período o aluno precise do professor como mediador, haverá um momento de maturação em que a aprendizagem ocorrerá de forma autônoma.

Assim sendo, a aprendizagem torna-se sólida mesmo com os vários percalços que os alunos perpassam pelo cotidiano escolar, mas ainda assim construir conhecimento é algo possível diante dos processos de construção e reconstrução em que passa o aprendiz.

Dentro dessas concepções mencionadas damos continuidade no próximo subitem; temos ainda as dificuldades que permeiam os envolvidos neste processo de aprendizagem da Língua Inglesa.

1.3 Dificuldades do professor e aluno sobre o inglês

“A aprendizagem dos alunos se beneficia quando os professores percebem as expectativas e as intenções dos alunos de forma correta” Barcelos (2003, p.55). Investigar o que os alunos trazem consigo o que eles gostam, odeiam, gostam mais ou menos da Língua Inglesa e isso nos obriga a tentar a reforma didática, tentar diferenciar as aulas em vários momentos em que novos conceitos são expostos, e tentar proporcionar um ensino de línguas com algo próximo para todos. E ainda temos a dificuldade de salas lotadas que complicam a aprendizagem e muitas vezes prejudicam a reforma didática em sala de aula, Coelho (2010) diz:

(...) é uma pena que as turmas são tão grandes, quase cinquenta alunos às vezes, então fica difícil... tem uma meia dúzia que quer... se eu pudesse tirar uma meia dúzia e pôr numa salinha pequena, era o sonho de todo mundo, mas não é a realidade, né (...). (COELHO, 2010, p. 132)⁵

Constituiu-se os PCN-LE (BRASIL, 1998), para demonstrar os percursos ao ensino de língua estrangeira e facilitar ao professor o ensino aprendizagem

⁵ Ensino e aprendizagem de língua inglesa em escolas públicas de Santa Maria/RS Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21827/21827.PDFXXvmi>> Acesso em: 10 de agosto de 2017.

dessa língua. Ainda assim, há diversas dificuldades no contexto escolar, formação de professores, indisciplina dos alunos e muitos outros motivos que geram a desmotivação e impossibilitam a atenção dos alunos.

No Inglês temos que verificar que há muitos fatores que necessitam ser vistos de forma prioritária em sala de aula, tais como: família, autoestima e comunicação. Observemos os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998),

É preciso lembrar que a aprendizagem de uma língua estrangeira é uma atividade emocional e não apenas intelectual. O aluno é um ser cognitivo, afetivo, emotivo e criativo. (Brasil, 1998, p. 66)

Ainda que o professor tenha dificuldades de promover a motivação em sala de aula é fundamental evitar o fracasso na aprendizagem de línguas na escola e modificar a ideia de que “língua estrangeira só se aprende fora da escola” (Celani apud Campani, 2006, p. 217). O professor precisa inovar e contextualizar o ensino-aprendizagem e o aluno reconhecer o papel do professor e a importância da Língua Inglesa.

Verificada a importância de reconhecer e entender a língua estrangeira, veja a seguir sobre a autonomia dessa língua.

1.4 Autonomia em Língua Inglesa

A Língua Inglesa também ganhou destaque no tocante à autonomia, ou seja, a aprendizagem pode acontecer sem a ajuda do professor, com outros elementos que proporcionem o entendimento do que está sendo estudado, mas alguns não trabalham em sala de aula a aprendizagem autônoma para não perder o controle dos alunos em sala de aula. Para maior entendimento desta autonomia trago aqui Marta Kohl de Oliveira (1995):

“A ideia de um processo que envolve, ao mesmo tempo, quem ensina e quem aprende não se refere necessariamente a situações em que haja um educador fisicamente presente. A presença do outro social pode se manifestar por meio dos objetos, da organização do ambiente, dos significados que impregnam os elementos do mundo cultural que rodeia o indivíduo (...)” (Oliveira, 1995, p. 57)

De acordo com os PCN (Brasil, 1998) Língua estrangeira traz ao professor certa autonomia no ensino-aprendizagem porque “oferece acesso de informação à ciência e a tecnologia moderna, à comunicação intercultural, ao mundo dos negócios e a outros modos de se conceber a vida humana”. Entretanto, para a realidade de muitos dos nossos alunos todos estes fatores não são suficientes para que tenham mais interesse em aprender uma nova língua.

E antes de explicitar sobre a autonomia do aluno, finalizamos o assunto da autonomia da Língua Inglesa com Nicolaides (2003) discorre que:

Em princípio, todo o ser humano é autônomo, tanto que é capaz de aprender milhares de tarefas ao longo de sua vida (...). Na aprendizagem de línguas não pode ser diferente; ela se dá por meio da interação social (Nicolaides, 2003, p. 180).

Paiva (2009) mostra ao professor atitudes que promovam a autonomia do aluno em sala de aula e uma das atividades é trabalhar com nomes em inglês existentes em sala de aula, essa atividade traz curiosidade e contextualização à aula. A autonomia é conectada à busca, a investigação e a motivação a aprender. E segundo Huertas (2001), “não é o de influenciar o aluno quanto às suas habilidades, conhecimentos e atitudes, mas o de facilitar a construção por parte deles do processo de formação”. Ou seja, o professor é o responsável em trazer aulas significativas e prazerosas, para que o aluno adquira autonomia nas aulas, não dispondo somente do professor para realizar atividades e tornando-se independente em sala de aula frente às atividades, o aluno se sentirá autônomo e terá motivação para a continuidade do processo à aprendizagem.

1.5 Aprendizagem Significativa

Ressaltamos aqui Rogers (1997), o autor tem como premissa que o aluno tem capacidade de escolher o que quer aprender e que o lado emocional também faz parte desta crescente aprendizagem. Por conseguinte o aluno torna-se mais flexível e capaz de aprender, trazendo assim a autoconfiança.

"Por aprendizagem significativa entendo aquela que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e na sua personalidade". (Rogers 1997, p.167)

Rogers (1985) vê a facilitação da aprendizagem como o objetivo maior da educação. A facilitação da aprendizagem depende dos princípios da aprendizagem e também da estrutura do facilitador. Para o autor "o único homem que se educa é aquele que aprendeu a aprender" (Rogers, 1972, p.131)

Quando o aluno alcança confiança em si mesmo, torna-se mais fácil o entendimento do inglês ou de outras disciplinas, pois vem à tona a palavra motivação, instrumento impulsionador para uma efetiva aprendizagem. É indiscutível que motivar é um desafio ao professor, porém a investigação e interesse de todos os envolvidos no processo de motivação é um facilitador ao ensino aprendizagem.

No momento em que o professor enxerga o sentido em ministrar aulas e que estar ali naquele contexto escolar necessita de cursos, leituras e continuidade de estudos e não só a experiência e o dia a dia proporcionam um bom ensino. O professor aprofundando seu conhecimento torna o trabalho mais prazeroso e com sentido para o aluno. Como nos diz Becker:

"Procurei pensar as condições que julgo necessário para que a vida retorne à escola, para que a escola torne-se um lugar significativo para o aluno. Lembrando sempre que a criança e o adolescente não deixam de fazer coisas por serem difíceis, mas por não terem sentido. E o professor tornar-se-á um bom educador, apreciado pelos alunos, na medida em que deixar de fazer coisas que para ele mesmo não têm sentido". (BECKER, 2003, P.23).

E quando essa vinculação de conceitos não ocorre e não se leva em consideração a afirmativa de Becker (2003), a aprendizagem se dissocia da realidade do aluno e torna-se logo esquecida porque não tem um significado eficaz para uso contínuo em seu cotidiano.

Conforme Vygotsky (1998) o indivíduo não consegue aprender aquilo que não tenha uma relação cognitiva prévia, pois esse conhecimento anterior é o que lhe dará conexão com a nova informação.

Ainda dentro do tema de aprendizagem o subitem a seguir nos esclarece as dificuldades com a Língua Inglesa.

Apesar das dificuldades para a aprendizagem de língua estrangeira há muito estudos e esforços para que se cumpra o verdadeiro aprender dessa segunda língua. No entanto referindo-se mais especificamente à língua inglesa, temos pesquisas atuais de Santos (2006), Coelho (2006), Barcelos (2006) e tantos outros estudiosos que nos revelam que a escola pública não tem estrutura ao ensino de uma língua estrangeira.

Santos (2006) nos mostra que os professores de inglês não são reconhecidos na escola pública nem pelos alunos nem pelos familiares. Já Barcellos (2006) nos mostra a dificuldade que os alunos tem em aprender inglês na escola pública, cujo padrão é inferior a de uma escola particular de inglês. Em consonância com o tema ressaltamos Coelho (2006) nos mostra que a heterogeneidade em salas de aulas também é um fator prejudicial à aprendizagem do inglês, pois cada indivíduo traz consigo uma bagagem diferenciada dessa língua estrangeira.

Diante de tantas dificuldades da rede pública não basta só o professor ser um facilitador da aprendizagem, pois partindo de pressupostos investigativos verifica-se que no ensino de inglês da escola pública faltam muitos fatores, qualificação, remuneração, domínio do conteúdo por parte do professor que não vê valorização do idioma por parte dos alunos. Diante desse cenário a aprendizagem da língua inglesa na rede pública possui muitas lacunas.

Diante da proposta dos PCN (Brasil, 1998) que nos aponta a minimização dessa cratera gigante da defasagem do ensino de língua estrangeira na rede pública e mostra que urge entender e aceitar a língua como processo sociointeracional e extirpar as concepções tradicionais que não acrescentam aprendizagem aos alunos que pertencem a uma classe tão heterogênea em conhecimentos, gostos, aprendizagens, etnias e tantos outros diferenciais presentes em uma sala de aula comprovam as singularidades existentes nesse contexto.

Dada a importância de valorizar a heterogeneidade, realçamos a reflexão do professor na próxima discussão.

1.6 Reflexão do professor

O professor que deseja alcançar a qualidade de ensino em suas aulas, responder às indagações que surgem em sala de aula e provocar mudanças na forma de ensinar traz consigo uma reflexão crítica sobre a prática docente.

A reflexão crítica sobre o ensinar, sobre os objetivos educacionais, preocupa-se com a experiência e realizações que interferem nas ações de outros.

Pautada nas pesquisas de Smyth (1992), a reflexão crítica é imbuída de quatro questionamentos: *descrever* - O que estou fazendo? *Informar* – Quais os princípios que embasam minha ação? *Confrontar* – Como me transformei? Quero dar continuidade a essa transformação? E por fim, o *reconstruir*- Como mudar o que já está consolidado? Posso agir de outra forma? Esses quatro questionamentos levam a uma emancipação e maior autonomia nas atitudes dos participantes dessa reflexão. Nessa perspectiva de reflexão Schön (1987) nos aponta a reflexão na ação, (refletir durante a ação sobre o que está ocorrendo) reflexão sobre a ação (análise da ação e seus resultados) e reflexão sobre a reflexão na ação (compreensão do momento da ação auxilia ao desenvolvimento de ações futuras).

Os autores Allwright (1986) e Holliday (1994) vêm corroborar com as dificuldades que temos de entender o interior do aluno e a importância de refletir sobre o que se passa nesse interior:

“O que pode ser visto das interações da sala de aula constitui o ‘epifenômeno’ - a manifestação meramente superficial de coisas muito mais complexas que acontecem embaixo da superfície. Tudo o que podemos até então compreender da sala de aula é “a ponta de um recife de corais sócio-cognitivos” (Allwright 1986, p. 149) “(Holliday, 1994, p. 31).⁶

Dentre eles cito ainda, Freire (1991, p.32), que está constantemente presente em nosso contexto escolar, nos diz “A gente se faz educador, a gente

⁶ Disponível em: <<http://docplayer.com.br/802563-Hilda-simone-henriques-coelho-e-possivel-aprender-ingles-na-escola-crencas-de-professores-e-alunos-sobre-o-ensino-de-ingles-em-escolas-publicas.html>> Acesso em: 18 maio 2017.

se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. Ou seja, o educador deve estar sempre disposto a inovar e estudar, sempre e não só quando o educador se forma acreditar que só isso não basta ao conhecimento e ministrar aulas prazerosas. Refletir é enxergar uma forma de reconstruir a didática. Assim como o professor se reconstrói, o aluno também sofre uma reconstrução no momento da aprendizagem e quando isso ocorre vem a motivação pelo conteúdo de determinada disciplina. Dentro dessa reconstrução da didática há o estágio reflexivo que possibilita uma dialogicidade entre teoria e prática, um estágio onde se mostra e não só se ensina a realidade escolar. O autor Gadotti (2001) declara também que “(...) A instituição deve também dar subsídios para que os educadores possam refletir sobre sua metodologia de ensino, seus projetos de vida (...)”, Gadotti (2001).

E para finalizar este capítulo trazemos Liberali (2008), a autora nos deixa claro que a prática da reflexão crítica transforma as ações do professor, trazendo um ensino questionador e com a preocupação da transformação social.

Apresentados os conceitos teóricos que forneceram sustentação a minha pesquisa sobre motivação escolar, dificuldades do professor, dificuldades dos alunos na aprendizagem de Inglês, autonomia em língua inglesa, aprendizagem significativa e reflexão do professor, vejamos no capítulo seguinte a metodologia utilizada em meu trabalho.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Apresenta-se neste capítulo a forma metodológica usada, o contexto da pesquisa, os instrumentos de coleta, bem como os procedimentos de análise.

Observando que as perguntas que nortearam essa pesquisa são:

1 – Qual a visão dos alunos sobre as aulas de Língua Inglesa?

2 - A partir das reflexões do aluno, como adaptar o Planejamento do ensino de Inglês no 6º ano?

2.1 Tipo de Pesquisa

Antes de mencionar o tipo de pesquisa deste trabalho vamos entender que pesquisa é um termo que está associado a conhecimento. Segundo a afirmação de Gil, (1996, p.19),

(...) é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. (...). A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos (...) GIL, (1996, p.19).

Esta monografia com sua pesquisa realizada é um estudo de caso com caráter qualitativo. Segundo Godoy (1995), dentro do escopo da abordagem qualitativa, há 3 caminhos a serem escolhidos pelo pesquisador: pesquisa documental, estudo de caso e a interpretativa.

Entendendo que o melhor caminho a seguir para entender o porquê da falta de motivação do aluno às aulas de inglês e tentar sanar as dificuldades de aprendizagem com alunos da rede pública, optou-se pelo estudo de caso, pois é uma análise minuciosa de uma unidade de estudo que tem como objetivo o exame detalhado de um ambiente de um sujeito ou de uma situação. “Este estudo de caso abrange as características mais importantes de um determinado tema e não do indivíduo em toda a sua unicidade” (Pádua 2002). Em consonância com Neves (1996, p.2) “o método qualitativo traz uma mistura

de procedimentos de cunho racional e intuitivo” e contribuem para um resultado satisfatório do tema analisado.

Esse método possibilita uma melhor compreensão da realidade do objeto a ser estudo.

Franco (2005) nos posiciona que a pesquisa tem uma importância e uma efetividade desde que haja uma ação, provocada pela reflexão dos dados obtidos com o coletivo, ou melhor, intervir no contexto abordado. A pesquisa se efetiva quando houver,

O desenvolvimento de uma dinâmica coletiva que permita o estabelecimento de referências contínuas e evolutivas com o coletivo, no sentido de apreensão dos significados construídos e em construção; reflexões que atuem na perspectiva de superação das condições de opressão, alienação e de massacre da rotina; ressignificações coletivas das compreensões do grupo, articuladas com as condições sócio-históricas; Franco (2005, p. 489).

Durante a pesquisa realizada houve uma preocupação com o dia-a-dia do professor e aluno a análise da pesquisa é teórica e prática.

Foram utilizados os seguintes instrumentos: diário de campo, questionário, entrevista, gravações e roda de conversa. Esta pesquisa tem o objetivo de dimensionar as dificuldades para aprendizagem de inglês apresentadas pelos alunos no cotidiano escolar. Tendo ênfase em levantamento de dados para saber os fatores desmotivadores em relação a esta disciplina, principalmente advindos às mudanças de série e com os resultados obtidos provocar uma transformação quanto à relação com a professora e aula de Língua Inglesa.

Em minha pesquisa, os instrumentos estão divididos em questionários, entrevistas, gravações, diários de campo e rodas de conversa.

Dentro da escolha de materiais, houve uma subdivisão de alguns elementos que foram necessários para um resultado mais eficaz para alcançar o meu resultado da pesquisa que era entender o real motivo da desmotivação dos alunos do ensino fundamental II no ensino de língua inglesa.

2.2 Contexto da Pesquisa

A pesquisa realizou-se na cidade de São Paulo, em uma escola de rede municipal na região de Interlagos.

Embora eu trabalhe em duas escolas, situadas em regiões diferentes uma da outra, a escola de rede municipal devido ao grande número de alunos que tem uma situação financeira, emotiva e de aprendizagem muito difícil em relação a outras que lecionei e a outra de rede estadual em que leciono. Partindo da premissa que os alunos do contexto desta pesquisa são pequenos em idade, pois a maioria tem menos de 12 anos, tentei relevar ao máximo as colocações que observei nas rodas de conversas e no questionário. Conforme a pesquisa foi avançando e tomando rumos diferentes dos que planejei, vi que eles são apenas crianças curiosas e esperam uma direção tranquila para aprender uma língua diferente da língua materna de forma agradável e divertida. Essa constatação vem ao encontro do pensamento de Freire (2010) que nos diz:

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 2010:83).

2.2.1 – Local/comunidade

O bairro é residencial na periferia da região Sul, mais especificamente região do Autódromo de Interlagos e os alunos desta unidade escolar são da favela do Tubo e também do submundo da comunidade, pois a diferença é que na comunidade há casa de alvenaria, já no submundo somente chão de terra e barracos de madeira. A comunidade local é extremamente pobre, algumas famílias não ensinam nem noções de higiene, a coleta de lixo não dá conta da quantidade de restos de alimentos que os moradores põem em local impróprio.

2.2.2 – A escola

A escola municipal está situada em Interlagos é uma escola com uma boa estrutura, o que é comum em escolas da Prefeitura. Há 13 salas por período, por isso há 65 professores e uma média de 20 funcionários, um parque espaçoso e duas quadras. O diretor é rígido com professores e alunos, pois ele não tolera atrasos de mais de 3 minutos nem por parte dos alunos, nem dos professores, não admite alunos saírem mais cedo, nem se for questões de consultas, já avisa que devem faltar à escola naquele dia do compromisso, mas ainda assim, ele demonstra carinho com alunos, porque ao final do dia, muitas crianças do Ciclo I abraçam-no ao ir para casa e ele retribui com um tímido sorriso e um beijo na testa dos alunos. E há uma singularidade nunca vista antes em nenhuma das seis escolas em que trabalhei antes, pois há o hábito de fazer trabalhos sociais, tais como: ajudar algumas famílias que tiveram seus barracos destelhados devido às chuvas, fornecer cestas básicas há alguns pais desempregados, fazer campanhas do agasalho e mais algumas ações esporádicas ao longo do ano. Quanto aos alunos, a maioria tem família desestruturada porque uns, o pai foi assassinado dentro de casa e outros o pai ou a mãe estão presos, alguns o pai é drogado ou são alcoólatras etc. Então, isso faz com que eles sejam excessivamente carentes tanto de coisas materiais quanto de afeto. O bairro é residencial na periferia da região Sul, na região do Autódromo de Interlagos e os alunos desta unidade escolar são da favela do Tubo e também do submundo da favela, pois a diferença é que na favela há casa de alvenaria, já no submundo somente chão de terra e barracos de madeira. Nesta escola também há crianças que vieram transferidas de outra escola porque a escola em que estudavam era fundamental I, então as diretorias de ensino enviam para a escola mais próxima quando passam a ser do fundamental II, são de outros bairros onde a maioria tem vivência melhor com condições e higiene, tem uma realidade com melhores condições de vida.

2.3 – Participantes da pesquisa

Rizzini (1999) nos mostra que pensar no grupo significa pensar num certo número de pessoas que estão juntas por alguma coisa. Esse pensamento de

Rizzini (1999) levou-me a ter uma ideia de campo para a realização da pesquisa⁷, pois havia alguns conflitos a serem solucionados no ensino fundamental II e o grupo sendo conhecido da pesquisadora que conhecedora de seus problemas e suas possibilidades de mudança foi selecionado após as reflexões da realidade estudada.

Ainda em Rizzini (1999), o conhecimento prévio do grupo participativo da pesquisa é um pré-requisito que nos dá base para a escolha do método a ser usado para a investigação dos envolvidos.

Garantida a seleção dos participantes da pesquisa, refletindo sobre o porquê da escolha desse determinado público, identifiquei que o objetivo era minimizar os problemas existentes por falta de motivação às aulas de inglês.

O questionário presente no anexo 3, foi aplicado com alunos do Ensino Fundamental II, nas seguintes salas 6A, 6B e 6C, cujas idades são entre 10 e 12 anos.

2.3.1 – Os alunos

Características dos alunos

6A	6B	6C
Há 31 alunos. Sendo 28 frequentes, dentre eles há um autista que não pode fazer parte da pesquisa por dificuldades na parte cognitiva e motora. São 14 meninas e 17 meninos. No dia da aplicação do questionário estavam presentes 27 alunos.	Há 34 alunos. Sendo 30 frequentes e 2 alunos com dificuldades cognitivas, porém sem laudo e que não participaram da pesquisa. São 12 meninas e 22 meninos. No dia responderam à pesquisa somente 25, pois houve ausências neste dia.	Há 35 alunos. Sendo 30 frequentes. São 16 meninas e 20 meninos. No entanto no dia da pesquisa só vieram 23 alunos.

Quase todas as turmas têm extrema dificuldade na Língua Inglesa, mas a maioria gosta de aulas diferentes. No início houve alguns conflitos, pois uma

⁷ A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da PUC-SP, seguindo todos os procedimentos solicitados.

parte dos alunos gosta de toda a aula facilitada, sem ter que pensar e querem olhar o dicionário, ou querem a resposta das atividades, porque dizem que a outra professora assim o fazia, outros dizem que o Inglês é uma língua muito difícil e que eu não posso exigir que tentem interpretar algo tão diferente da língua materna, todavia com o passar do tempo fomos nos adequando às mudanças de ambas as partes: eles estão acostumados só com o livro didático e respostas prontas e eu, acostumada com o Ciclo I há quatro anos e eles amavam Inglês e não questionavam muitas coisas. Ainda há algumas resistências em que tento não me perder de meu propósito que é proporcionar um ensino contextualizado, prazeroso, porque me sinto bem e com muita vontade de ministrar às aulas. No entanto, com o passar do tempo as aulas tomaram outro rumo em algumas salas e mais especificamente com alguns alunos. E com o Questionário aplicado (anexo 3), eu consegui descobrir por quais dificuldades estou passando e qual caminho a resolvê-las. Almejava que uma grande parte da sala participasse da aula, pois nem tinha a pretensão de que todos tivessem absoluto interesse, mas que entendessem a necessidade da língua.

Os indivíduos trazidos ao contexto escolar tem uma história consigo e essa consciência humana, muitas vezes não se mostra a nós professores e isto torna distante a compreensão do que se passa com o aluno em sala de aula quando esse indivíduo fica distante absorto em seus problemas familiares e de necessidade humana como: falta de alimento, espancamento e muitos outros fatores que dificultam essa convivência professor e aluno.

2.3.2 – A professora pesquisadora

Durante o decorrer do rumo que tenho tomado em relação à LEM⁸, percebo que antes, o foco à aprendizagem do educador era o ensino da língua, todavia hoje está centrada na formação social contextualizada (Celani, 2003; Gimenez, 2002), ou seja, o educador sendo um agente transformador e intervindo na prática social.

⁸ LEM – Língua Estrangeira Moderna.

Contando minhas reminiscências, lembro-me que o primeiro contato com a língua inglesa não foi prazerosa e sim, duramente desastrosa, uma vez que reprovei a quinta série, exatamente nessa disciplina. No entanto, no Ginásio, ainda que eu continuasse com a mesma professora, decorreu sem grandes tumultos em relação à LE. Então, ao adentrar o Ensino Médio, resolvi fazer Magistério, tendo contato com a disciplina de Língua Inglesa somente no primeiro ano do Curso e no decorrer dos três anos restantes, não mais foi abordada a citada Língua; permaneci com o pouquíssimo conhecimento e com a insegurança que permeava a minha mente sobre como sanar as lacunas anteriores a respeito da LE e que agora se transformaram em grandes crateras. E eu entendo que o indivíduo após tantos anos de ensino de línguas nas escolas deste país, permanece sem o mínimo de conteúdo e não pode dizer que é um falante bilíngue (Celani, 1994).

Então, efetivamente, eu já sabia o que queria em minha formação acadêmica: Letras- Português/Inglês e diante disso, busquei diversos recursos, tais como: curso de inglês na escola de idiomas CNA; comprei várias revistas em Inglês e estudava com vários áudios para conseguir acompanhar o curso na Faculdade e sabia que era reversível a erosão do meu mau percurso à Língua Inglesa. O esforço foi gigantesco, entretanto formei-me com aprendizagem e tenho orgulho de mim mesma; agora passar na Faculdade seria relevante a minha pessoa e não mais por alguém, isto é, minha mãe já não era a principal bandeira de minha resolução. E só para reforçar os argumentos anteriores, a minha professora de LE da Faculdade havia chegado da Inglaterra há oito anos e ainda que, tivesse boa vontade conosco, o que difere de minha primeira experiência, pelo fato de não entender ainda muito bem a nossa língua materna, expressava-se com inúmeras e difíceis palavras ao ministrar as aulas e nós os alunos, nos esforçávamos com esmerada organização e paciência para entender o conteúdo. Desta forma, ou melhor, desta vez: Saí sem sequelas.

Como contraponto a tantas dificuldades, quando cheguei à sala de aula e agora com alunos que esperavam de mim o melhor, me estimulei para oficializar todo o meu aprendizado, vieram à tona todas as reflexões, e boas referências de aulas que outrora tivera. E superando as minhas expectativas, me fiz presente com os alunos, trazia muitos assuntos culturais da Língua,

trazia músicas, rodas de conversa, fui muito além do que eu mesma poderia supor. Fiquei quatro anos com muitas inovações pedagógicas, até ser transferida de unidade. Vencida pela falta de interesse desses novos alunos e pelo desgaste de três períodos de trabalho, minhas aulas já não eram com tanto entusiasmo, em alguns momentos o livro didático era meu parceiro quase que constante em minhas práticas. Percebi que era necessário fazer algo para me animar daquela falta de entusiasmo, resolvi fazer Pós-Graduação em Gestão Escolar na Unicid aos sábados e adquirindo novos propósitos, e através de uma amiga que me indicou, fui convidada a demonstrar meu novo talento como gestora em uma escola de Informática. Rumo ao novo caminho, desisti temporariamente da educação, quis fazer um teste e me afastar um ano. No entanto, lá permaneci por mais dois anos.

Sabendo que, minha formação docente estava estagnada, percebi a importância de retornar, mesmo porque as novas funções além de mexer constantemente com números o que não me satisfazia a falta do envolvimento com adolescentes, lidar com o ser humano de forma diferenciada, sem interesses de fazer cursos ou interesses financeiros, fez-me repensar aquela decorrida carreira e então, sem refletir muito entreguei minha carta de demissão e voltei ao fantástico mundo da Educação, onde só sobrevivem aqueles que em suas multifacetadas enxergam a verdadeira arte de compartilhar, de se instruir e de modificar as decorrências negativas da estrada.

E aqui chegamos à Puc⁹, que iniciei no ano de 2016, no curso Práticas Reflexivas e ensino-aprendizagem de inglês na rede pública a qual entrei para dar outra vez uma evolução a minha profissão de educadora, todavia agora estou feliz, não poderia dizer que as chamas inflamadas e a voracidade que faziam parte anteriormente de meus dias profissionais ainda são parte de minhas aulas, cujo esforço dá-se no dia-a-dia para existir e se fazer entender pelos alunos, mas essa é minha identidade da qual eu não gostaria de perdê-la e por isso talvez em minha simplicidade de pensamentos, sei que a paixão ainda me move a novas descobertas e tentativas de contextualizar o ensino da língua inglesa com o que realmente os alunos necessitam aprender e havendo reciprocidade de motivação, a aprendizagem será decorrente para ambos os

⁹ PUC é a sigla para Pontifícia Universidade Católica. Trata-se de uma instituição de ensino superior privada, vinculada a Igreja Católica e reconhecida pelo Vaticano.

envolvidos: professor e aluno. É por acreditar que a motivação dos alunos em sala de aula depende de uma série de fatores, que desenvolvi esta pesquisa acerca deste tema a importância de motivar os alunos do ensino fundamental II na aprendizagem de Língua Inglesa.

2.4 – Instrumentos de coleta de dados

De acordo com os estudos aprofundados no curso Práticas Reflexivas e ensino-aprendizagem de inglês na escola pública, instrumentos de coleta fornecem as informações necessárias se forem os instrumentos adequados; interpretar corretamente os resultados colhidos na pesquisa é que possibilitam uma mudança no pesquisador e como consequência dos alunos pesquisados. O olhar do pesquisador, embasado nas teorias articula resultados fornecidos através dos instrumentos de coleta com a reflexão e ação que trazem melhorias aos envolvidos neste processo de pesquisa.

Para obter resultados relevantes nesta pesquisa qualitativa, foram utilizados os seguintes instrumentos: dois questionários, entrevista com os alunos, diário de campo da professora, gravação de aula e roda de conversa com os alunos.

Apolinário (2012), na pesquisa qualitativa a análise dos dados ocorre a partir da interpretação do pesquisador.

Os instrumentos dessa pesquisa foram selecionados com o intuito de entender e melhorar a motivação dos alunos do ensino fundamental II na aprendizagem de Língua Inglesa.

2.4.1 Questionário dos alunos

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por perguntas abertas e fechadas ou de múltipla escolha cujas perguntas devem ser claras para melhor interpretação dos resultados. Rizzini (1999, p.77) “nos orienta que as perguntas fechadas facilitam a sistematização de dados, porém as perguntas abertas alcançam profundidade no tema, e as de múltipla escolha tem menor objetividade”.

Este instrumento de questionário (anexo 2), foi baseado do questionário de Ramos (1998) com algumas modificações para adaptar à realidade do contexto da sala de aula aplicada. Deparando-me com Rizzini (1999) e o questionário aberto resolvi aplicar mais perguntas abertas do que fechadas sob o intuito de verificar as expressões espontâneas do aluno.

Muitos autores adentraram neste universo de foco nas necessidades, dentre eles cito Hutchinson & Waters (1987):

(...) escolha irá obviamente depender do tempo disponível. Também é importante lembrar que as Análises de Necessidades não é um processo único. Elas devem ser realizadas de forma contínua, sendo que as conclusões são constantemente checadas e reavaliadas. (HUTCHINSON e WATERS, 1987, p. 59).

Este questionário foi elaborado a partir das necessidades de saber o que realmente estava prejudicando a motivação dos alunos dos sextos anos do Ensino Fundamental II.

No questionário há informações e verificação de assuntos que não surgem em sala de aula, mas que auxiliam a interpretação das respostas.

2.4.2 Gravações das aulas

Gravação de aula é um instrumento que possibilita uma observação minuciosa da aula, pois os detalhes que se perdem ao longo do dia, são recuperados e analisados através da gravação.

Segundo Rizzini (1999) a gravação de aula permite uma análise de dados em que o processo de ensino-aprendizagem e comportamentos são observados.

A gravação de aula é um instrumento muito rico em perceber detalhes que se passam em uma sala de aula e a interpretação do momento escolhido, faz com que haja uma melhor modificação na didática.

2.4.3 Diários da professora

Segundo Rizzini (1999) o diário de campo consiste no relato escrito daquilo que o investigador presencia, ouve observa e pensa no decorrer do recolhimento dos dados.

Esse instrumento de diário foi escolhido, pois pode ser refletido em uma pesquisa qualitativa, pois o registro capta detalhes do momento a ser analisado.

O diário é uma ferramenta que proporciona a reflexão crítica das ações em sala de aula. Dentro deste olhar diferenciado de escrever diário e observações sob um prisma crítico e com a intenção de reorganizar as ideias que não alcançaram o resultado esperado em sala de aula, ou seja, documentar as aulas, para percebê-las em um momento posterior e modificar, acrescentar ou até mesmo excluir as atividades que não promoveram a aprendizagem.

2.4.4 Entrevista

A entrevista é uma técnica muito utilizada na pesquisa, nos vários ramos das Ciências Sociais: Sociologia, Antropologia, Política, Serviço Social, Jornalismo, Relações Públicas, Pesquisa de Mercado etc.

Utilizando as orientações metodológicas de Rizzini (1999), que nos aponta que este tipo de instrumento de entrevista é flexível sem seguimentos específicos e por isso o resultado contribui de forma desejada e clara para o pesquisador. Temos três tipos de entrevistas: entrevista dirigida ou padronizada; semi dirigida e por fim entrevista não dirigida.

No caso desta pesquisa o foco foi a entrevista semi dirigida porque mesmo com um semi roteiro o entrevistador consegue ampliar as respostas de forma mais ampla no momento dessa ação. E a não dirigida foi escolhida por haver a possibilidade de ampla exploração do tema abordado.

Essa conversa intencional de entrevista teve como objetivo identificar os reais motivos das respostas que estavam sendo analisadas no questionário para poder intervir de forma satisfatória nas dificuldades mencionadas.

2.4.5 Roda de Conversa

Roda de conversa é uma forma espontânea de troca de experiência e aprendizado. Ocorre de forma circular em que todos conseguem se olhar e participar da situação do momento que é a conversa informal. Cria-se um sentimento de pertencimento àquele assunto e aquele contexto.

Cioppo (1997, p. 38), “necessitando apenas de confiança e aceitação para se manifestar e se expressar, propôs um meio no qual o professor pudesse lhe proporcionar isto, lhe cedendo à palavra, pois, “a livre expressão faz eclodir na classe um clima privilegiado de liberdade, autodisciplina e confiança” Cioppo (1997, p. 38), instituiu através do conceito da livre expressão, a Roda de Conversa no universo da Educação infantil.

No entanto mesmo sendo criado ao universo infantil é um método em que os alunos se identificam, porque o objetivo é trazer a todos que estão em sala de aula a participar daquele momento de aprendizado.

2.5 Procedimentos de análise

Um dos primeiros passos desta pesquisa foi o uso de diversas leituras acerca de assuntos que revelam entendimento de pesquisa. E uma das leituras que me auxiliaram ao início da pesquisa foi Franco (2005)

Na análise de conteúdo o ponto de partida é a mensagem, mas deve ser considerado as condições contextuais de seus produtores e assenta-se na concepção crítica e dinâmica da linguagem (FRANCO, 2005, p. 13).

À luz das pesquisas e leituras, fez-se necessário priorizar nesta pesquisa o estudo de caso a interpretação e análise dos dados coletados. Interpretar é um processo bastante longo é preciso dedicação para organizar os dados coletados.

A referência para esta organização está sempre nas perguntas de pesquisa, que são:

1 – Qual a visão dos alunos sobre as aulas de Língua Inglesa?

2 - A partir das reflexões do aluno, como adaptar o Planejamento do ensino de Inglês no 6º ano?

Este trabalho foi realizado em uma escola da rede pública municipal, com alunos do ensino fundamental II. Foram aplicados vários instrumentos para chegar ao objetivo da pesquisa: motivar os alunos do ensino fundamental II da rede pública no ensino de Língua Inglesa. Os instrumentos utilizados foram: questionário, roda de conversa, diário de campo, entrevista e roda de conversa.

2.5.1 Descrição dos instrumentos e como foram aplicados:

Dentro do instrumento diário de campo, transcrevi somente algumas partes que julguei relevante ao leitor deste trabalho. As entrevistas foram feitas com 4 alunos, cujas respostas das perguntas de número 6 e número 13, do questionário (anexo 3), não estavam claras para mim, foi transcrita somente as entrevista de um aluno. E por fim, a roda de conversa foi feita sob o propósito de algumas perguntas do questionário (anexo 3) e não sobre o questionário inteiro.

Com os resultados dos gráficos expostos neste trabalho, foi possível perceber a interpretação destes resultados. Nota-se que algumas mudanças e ajustes foram necessários em relação ao ensino de Língua Inglesa nas salas pesquisadas. Partindo das formas de análise estudadas e interpretando a análise de dados torna-se possível responder as perguntas norteadoras da minha pesquisa.

Discorro no próximo capítulo deste trabalho os caminhos percorridos para sanar os problemas de aprendizagem, de motivação, da falta de autonomia do aluno e das reflexões da pesquisadora e entendimento das necessidades do aluno.

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo vou apresentar os dados referentes aos instrumentos de coleta para procurar responder as perguntas de pesquisa que são:

1 – Qual a visão dos alunos sobre as aulas de Língua Inglesa?

2 - A partir das reflexões do aluno, como adaptar o Planejamento do ensino de Inglês no 6º ano?

Estão apresentadas aqui algumas perguntas fundamentais que após a percepção dos resultados, deram um norte ao desenvolvimento e melhoria das aulas.

3.1. Questionário dos alunos 2 (anexo3)

No ano de 2016, apliquei o questionário1 (anexo 2), para 12 salas de 6º ao 9º ano. Resolvi aplicar um questionário com doze perguntas fechadas e três perguntas abertas, os objetivos eram entender sobre a participação e motivação dos alunos em Língua Inglesa. Este foi o primeiro questionário.

No entanto, essa pesquisa traz os dados utilizados do questionário 2 (anexo 3) para verificar de forma mais profunda as verdadeiras necessidades dos alunos reformulei o questionário com muitas perguntas abertas e poucas perguntas fechadas. No tocante à veracidade e espontaneidade das respostas, o questionário reaplicado em 2017, possibilitou uma maior investigação das dificuldades do aluno e sua falta de motivação nas aulas de inglês.

Os alunos receberam um questionário que foi entregue e realizado por outra professora para que eles se sentissem a vontade para responder o que realmente sentiam, pois penso que se eu o aplicasse, alguns iam sentir-se constrangidos.

Esse foi o primeiro instrumento com foco a descobrir o porquê da falta de motivação às aulas de inglês. As respostas foram direcionadas a professora, aluno e conteúdo da disciplina de Língua Inglesa.

5 - Você tem motivação nas aulas de Inglês?

a) sim ☒ b) não Por que? A maior parte é de bronca

6 - Desde que você tem aulas de Inglês, a tua motivação é a mesma? Por que? Não, porque antes era mais divertido

7 - Como você se sente ao falar Inglês em sala de aula? Circule uma carinha



8 - Para você o que precisa ser mudado nas aulas de Inglês?

Mais aulas com música, jogos, etc.

9. É mais fácil aprender Inglês ou Português? Português

10 - Como você se sente hoje nas aulas de Inglês?

a) Totalmente motivado ☒ b) Mais ou menos motivado c) Nada motivado

11 - O que você achava das aulas de Inglês que você tinha anteriormente?

Eram mais interessantes.

EXCERTO 1 - Aluno 1

Este é o excerto de uma aluna que era participativa e quase sempre acertava as questões dos exercícios em sala de aula. No entanto, no ano vigente está totalmente desinteressada e as respostas dela ajudaram-me a entender um pouco o que estava acontecendo.

Entendi pela resposta número 6 que as minhas aulas anteriores eram mais dinâmicas, pois havia música e jogos, por isso eram mais divertidas.

Ao ler a questão 5 em que a aluna diz que dou muita bronca, tive que tentar relembrar se ela estava falando de mim, mas recordei que realmente a sala do 6 A qual esta aluna pertence é uma sala com vários alunos que repetiram a sexta série e estou com dificuldade de lhe dar com eles.

Acredito que entendendo o que se passa no interior dos pensamentos desta aluna, a aprendizagem ocorrerá de forma significativa.

Conforme Rogers (1985)

(...) Quando o professor tem internamente as reações do estudante, tem uma consciência sensível de maneira pela qual o processo de educação e aprendizagem se apresenta ao estudante, então mais uma vez, aumentam as probabilidades de uma aprendizagem significativa. (ROGERS, 1985, P.31)

5 - Você tem motivação nas aulas de Inglês?

a) sim ☒ não Por que? tu achas muito complicado

6 - Desde que você tem aulas de Inglês, a tua motivação é a mesma? Por que? Não, quando eu era pequena eu tinha mais motivação.

7 - Como você se sente ao falar Inglês em sala de aula? Circule uma carinha



8 - Para você o que precisa ser mudado nas aulas de Inglês?

ter mais conversas ser mais divertido trabalhar com músicas etc

9. É mais fácil aprender Inglês ou Português? É mais fácil aprender o Português

10 - Como você se sente hoje nas aulas de Inglês?

a) Totalmente motivado ☒ b) Mais ou menos motivado c) Nada motivado

11 - O que você achava das aulas de Inglês que você tinha anteriormente?

Era mais divertida, agora é chato

12 - Quais atividades deveriam ser dadas mais vezes?

a) Oportunidades de conversar em inglês b) Leitura de textos variados (revistas, gibi, jornais etc) ☒ c) música ☒ d) jogos e) Outros _____

13 - Quais características deve ter um bom professor de Inglês?

Ser legal, ser divertido e se mais importante, saber falar inglês

EXCERTO 2 – Aluno 2

O excerto 2, da aluna 2 é de uma aluna que não era muito participativa, todavia não se dispersava nas aulas, e hoje conversa com frequência.

Na resposta da pergunta número 8, refleti que realmente nas aulas não tem tido conversas entre os alunos durante as atividades, pois supondo que os alunos ficando separados não promovem diálogos entre eles.

É necessário recuperar aquelas aulas interessantes que os alunos comentaram nestes fragmentos da pesquisa. Na verdade tentei relembrar estas aulas anteriores, porém creio ser preciso além de reativar a memória aceitar que as aulas anteriores eram melhores em questão de aprendizagem e aceitação dos conteúdos, pois recordei que as aulas eram muitas vezes em grupo e fazíamos muitas atividades simulando o cotidiano dos alunos.

Em relação a esse comentário acima, Liberali (2009), acentua:

O ensino por meio de Atividades Sociais enfatiza o conjunto de ações mobilizadas por um grupo para alcançar um determinado motivo objetivo, satisfazendo necessidades dos sujeitos na „vida que se vive” (Marx e Engels, 2006, p.26). (...) como ir ao cinema, negociar um contrato, fazer compras, publicar um artigo de pesquisa, etc.” (LIBERALI, 2009, pp.11).

5 – Você tem motivação nas aulas de Inglês?

a) sim ☐ b) não Por que? não porque eu não gosto de inglês

6 – Desde que você tem aulas de Inglês, a tua motivação é a mesma? Por quê? por que demora / demoro para aprender

7 – Como você se sente ao falar Inglês em sala de aula? Circule uma carinha

☒ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

8 – Para você o que precisa ser mudado nas aulas de Inglês?

preciso estudar ser mais legal

9. É mais fácil aprender Inglês ou Português? português

10 – Como você se sente hoje nas aulas de Inglês?

a) Totalmente motivado b) Mais ou menos motivado ☒ c) Nada motivado

11 – O que você achava das aulas de Inglês que você tinha anteriormente?

chatas

12 – Quais atividades deveriam ser dadas mais vezes?

a) Oportunidades de conversar em inglês b) Leitura de textos variados (revistas, gibi, jornais etc) ☒ c) música d) jogos e) Outros _____

13 – Quais características deve ter um bom professor de Inglês?

legal

EXCERTO 3 – Aluno 3

No excerto 3 verifica-se que na resposta da pergunta número 4, a aluna responde que não gosta de inglês, essa é uma característica que me surpreendeu, porque esta aluna é relativamente participativa. Esta pesquisa me trouxe muitos dados relevantes e elucidativos em relação aos alunos e minha forma de conduzir a aula.

Entendo então, que a aluna reproduz o que a sala de aula demonstra nas aulas, uma grande maioria além de ter dificuldades com o conteúdo, não gosta da disciplina de inglês.

E como menciona Leffa (2007):

(...) Quando diz „eu odeio inglês” pode dar a impressão de que este dizer foi construído de dentro para fora, quando na realidade foi construído da sociedade para o sujeito, de fora para dentro (...) (LEFFA, 2007).

E por esta aluna 3, ser participativa e pela resposta no observada no excerto 3 acima, fica claro que ela é produto do meio em que está inserida, deixando se envolver com os demais que não tem mais motivação da aula de inglês.

Através do questionário 2 (anexo 3) eu consegui perceber individualmente alguns fatores dessa desmotivação ainda que nem todos na sua integralidade respondessem com bastante sinceridade o questionário visto que, verifiquei que algumas respostas de alguns alunos em uma minoria, não foram tão sinceros na pesquisa, pois uma resposta era igual a do outro colega.

Vejamos agora os gráficos:

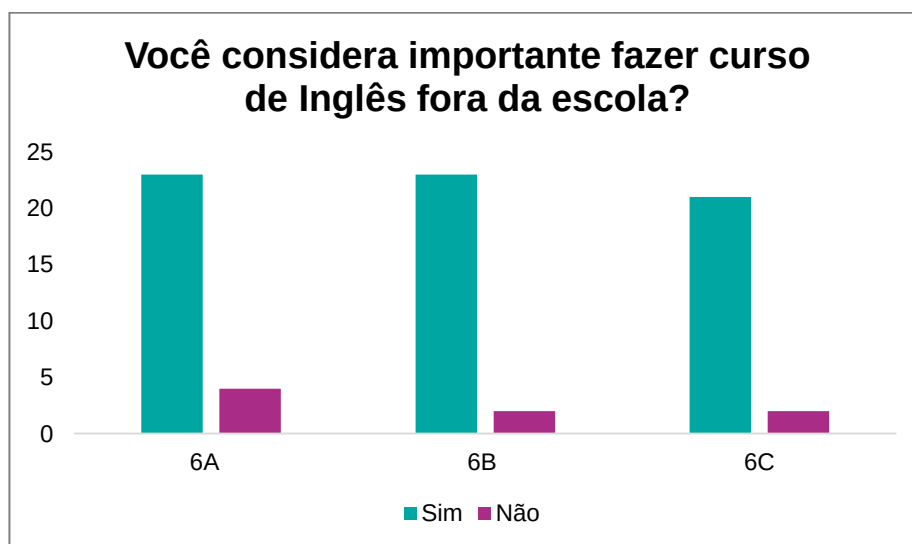


Gráfico 1 - Importância do curso de Inglês fora da escola

Verifica-se neste primeiro gráfico que o foco é a língua inglesa e que mesmo com a dificuldade econômica e a falta de incentivo familiar que é percebido em reuniões escolares em que estes pais falam e demonstram que a disciplina de inglês não tem relevância na vida de seus filhos, estes alunos acham importante fazer curso de Inglês concomitante ao estudo do ensino escolar.

Neste resultado, poucos alunos não acham importante fazer inglês fora da escola. Ao fazer a roda de conversa, indaguei se tivessem a oportunidade de fazer um curso gratuito de inglês se o fariam e uma grande parte da sala respondeu de imediato que iriam à hora fazer o curso. Durante esta conversa, percebi o quanto os olhos brilharam diante desta possibilidade. Já uma parcela muito pequena dos alunos, disse não fariam nem se fosse de graça.

Você considera importante fazer curso de Inglês fora da escola?		
Turmas	Sim	Não
6A	23	4
6B	23	2
6C	21	2

Tabela 1- Análise do total de alunos que acham importante um curso de inglês fora da escola

Diante da tabela 1 temos uma maior percepção dos alunos que consideram importante fazer um curso de inglês fora da escola, pois a pesquisa foi feita com 75 alunos e desta soma, temos 67 que consideram importante fazer um curso fora da escola.

Aqui as 3 salas têm quase a mesma quantidade de alunos que não acham importante fazer um curso fora da escola.

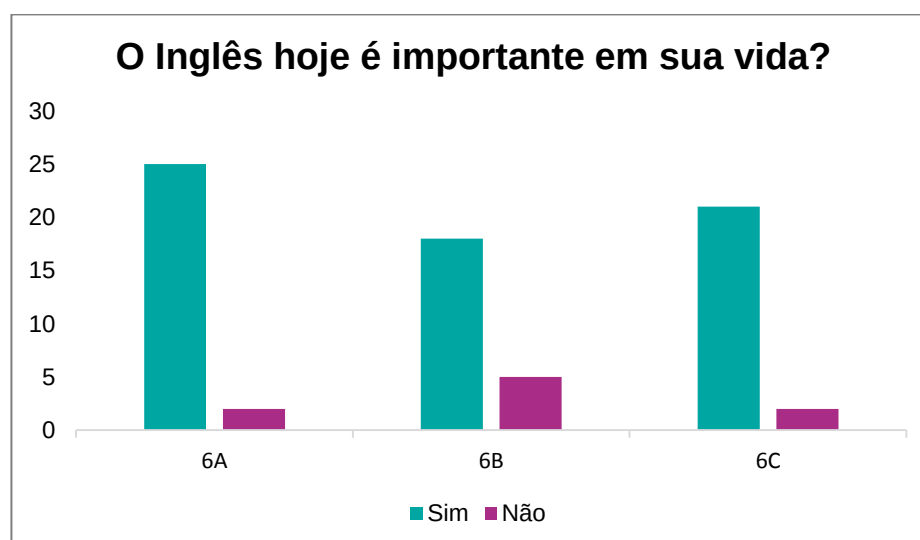


Gráfico 2 - A importância do inglês na vida

No gráfico 2 o foco também foi a língua inglesa e percebemos que o resultado foi similar à primeira pergunta sobre fazer um curso de inglês fora da escola. Embora as perguntas pareçam iguais, o resultado tem um viés diferente para cada questão, pois na primeira temos a importância do inglês fora da escola; o que não obriga o aluno a gostar de inglês dentro do ambiente escolar

e na segunda pergunta, obtemos o resultado quanto à valorização da disciplina independente do local. Verificando os nomes de quem respondeu que gosta de inglês em qualquer local, percebe-se que em sala de aula há uma aceitação mais tranquila em relação a esta língua estrangeira, eles interessam-se mais pelas atividades.

Ao conversar com os alunos perguntei se alguém que respondeu diferente dos demais gostaria de falar e dois dos que estavam presentes disseram que não consideram o inglês importante, eles mencionaram que não tem ninguém em sua casa que precisa ou precisou desta língua no trabalho e complementando esta informação, a mãe de um deles ainda reforçou que eles tem que se preocupar com matemática e português para passar de ano. Diante de tal comentário, perguntei a profissão dos pais e esse pai é pedreiro e a mãe trabalha na casa de um pastor há muitos anos ele a acompanhava, porque a mãe não tinha onde deixá-lo. Contudo agora que ele era um pouco maior na idade, sua mãe deixava que ele escolhesse se ia com o pai ou a mãe ao trabalho e ele sempre escolhe ir com o pai, porque acha bom ver todo aquele movimento de construção. A conversa encerrou-se aí porque eu percebia que o contexto de vida deste aluno era o que os pais podiam lhe oferecer. Confesso que eu pensei depois em dialogar, mas na hora acho que fiquei embargada com a rotina de uma criança, tão cedo se tornando tão adulta.

O Inglês hoje é importante em sua vida?		
Turmas	Sim	Não
6A	25	2
6B	18	5
6C	21	2

Tabela 2- Análise do total de alunos que acham o inglês importante em sua vida

Neste resultado temos 64 alunos que dão importância ao inglês em sua vida. Diante da verificação dos nomes destes participantes que tiveram esta resposta, torna-se mais fácil incentivá-los a adentrarem a este Universo da língua estrangeira, pois quando os alunos não gostam, o caminho é mais árduo.

Destaca-se aqui o 6A que quase a sala inteira vê o inglês como algo importante em sua vida.

E qual não foi minha surpresa, no 6C, 21 alunos consideram importante o inglês, o que me levou a refletir que preciso melhorar a didática, pois considerar a disciplina importante já deveria facilitar o relacionamento nas aulas e isso não ocorre no dia a dia, porque são alunos que não participam das atividades em sala de aula.

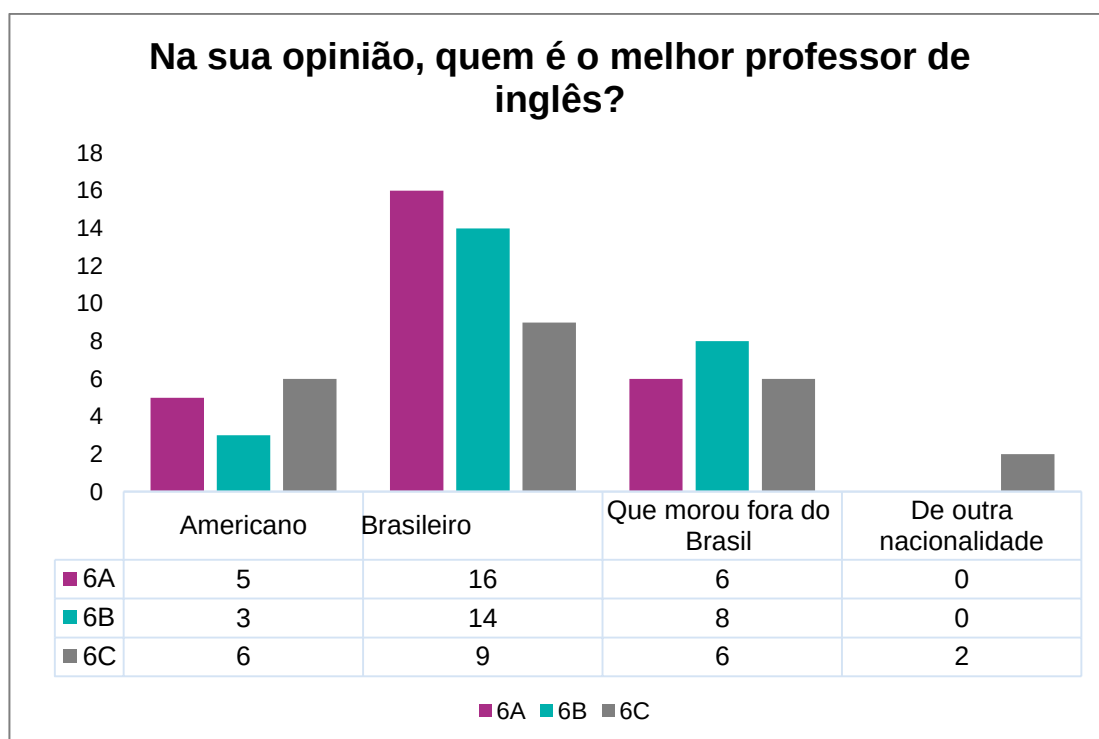


Gráfico 3 - Quem é o melhor professor de Inglês?

Esta pergunta teve o objetivo de entender o porquê os alunos sempre questionam se os professores de inglês já viajaram, já moraram fora do país e ainda comentam que a maioria das escolas partícula ou de idiomas os professores são estrangeiros.

A força da crença de que o curso de idiomas é lugar para se aprender a Língua Inglesa é a muito tempo reforçada por alunos da escola pública por Paiva (1997).

Essa crença que o inglês só é bom na escola de idiomas é tão forte que vários estudiosos apresentam questões a esse respeito (Barcelos, 2000) afirma que as crenças guiam nossas ações, influenciam e são ao mesmo tempo

influenciadas por elas; são difíceis de serem mudadas; são construídas socialmente e transmitidas culturalmente; Oliveira (2000) nos revela que os próprios professores comentam que o curso de inglês tem uma estrutura melhor. Ante essa perspectiva, a professora precisa analisar e reavaliar seu papel na escola pública em relação à língua estrangeira.

Aqui se entende que duas salas de aula responderam, o professor que mais se destacou foi que o professor de inglês que seja brasileiro, após a roda de conversa que houve nas salas de aula sobre esta resposta, eles disseram que já não entendem o que um professor de português fala em inglês, imagina um professor de outra nacionalidade? Percebi que havia coerência neste argumento, pois eles têm dificuldade na parte oral em sala de aula, mas quanto ao 6A, eles dão a mesma importância as duas nacionalidades, pois muitos alunos responderam a ambos e ao indagá-los porque o fizeram, responderam que pra eles os dois são importantes e gostariam de ter as duas experiências, e inclusive comentaram que gostariam de ter um americano para ver a diferença nas aulas que já tiveram até os dias de hoje.

Em sua opinião, quem é o melhor professor de inglês?				
Turmas	Americano	Brasileiro	Que morou fora do Brasil	De outra nacionalidade
6A	5	16	6	0
6B	3	14	8	0
6C	6	9	6	2

Tabela 3 - Quem é o melhor professor de inglês?

Observamos que o resultado diferenciado aqui é o do 6A, porque tanto americano quanto o brasileiro tem resultados semelhantes.

A importância desta pergunta está no foco dos professores de língua inglesa. Vejamos aqui os destaques de respostas: A sala do 6A dá a mesma importância ao professor americano ou brasileiro. Enquanto que o 6B, 14 alunos preferem professor da mesma nacionalidade que a deles, todavia o 6C foi bastante diferenciado, porque 9 alunos preferem professores brasileiros, 3 americanos e 6 que moraram fora e foi a única sala que respondeu que preferem 2 professores de outra nacionalidade.

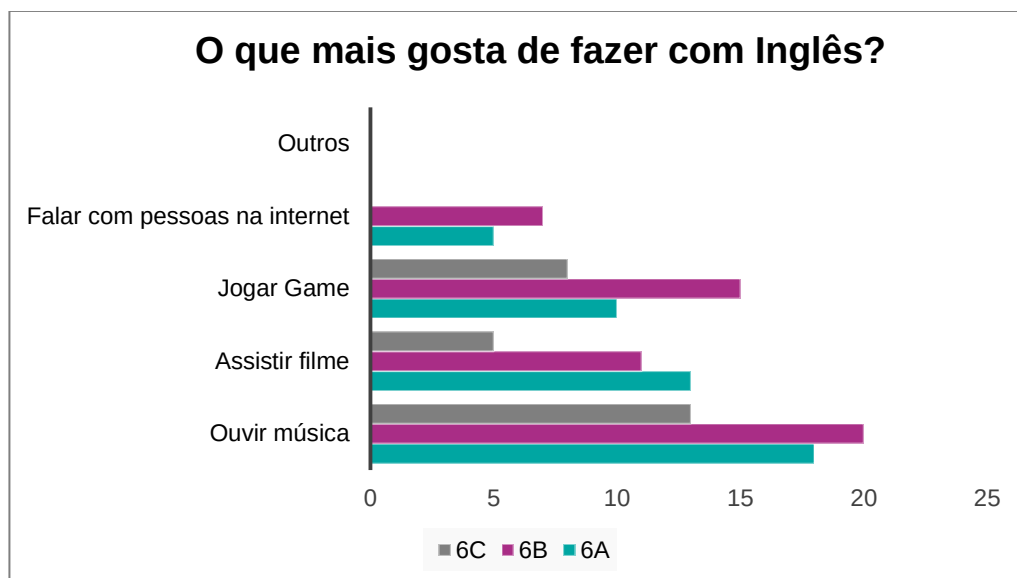


Gráfico 4 - O que mais gosta de fazer com o inglês?

As cores representam as salas de aula e aqui os aprendizes revelam que os alunos mais gostam é de ouvir música e jogar vídeo game, porque é uma aula divertida e os distrai sem deixar a aula monótona. Percebendo que houve também uma proximidade de preferência em assistir à filmes.

Conversar com outras pessoas na Internet não faz muita diferença para eles, presumo que seja por conta da faixa etária.

Durante o diálogo informal sobre os resultados da pesquisa mencionaram que eu não passei música desde o final do ano anterior. Tentei revidar, me desculpando por conta do conteúdo que aumentou na sexta série, mas eles não acreditaram muito. Depois, fazendo uma autoanálise percebi que dei uma desculpa a mim mesma pela reprimenda dos alunos, o que me deixou um pouco sem graça, mas refleti mais tarde sobre a questão e lembrei que realmente não trabalho com músicas em aula.

O que mais gosta de fazer com Inglês?					
Turmas	Ouvir música	Assistir filme	Jogar Game	Falar na internet	Outros
6A	18	13	10	5	0
6B	20	11	15	7	0
6C	13	5	8	0	0

Tabela 4 - O que mais gosta de fazer com o inglês?

Constata-se aqui que dos 75 alunos pesquisados, 51 gostam de ouvir música em inglês, enquanto que 29 gostam de assistir à filmes e quase na mesma proporção, 33 alunos gostam de jogar games e somente 12 gostam de falar com pessoas na internet. O destaque aqui vai para o 6C que somente 5 gostam de assistir à filmes e nenhum gosta de falar com pessoas pela internet.

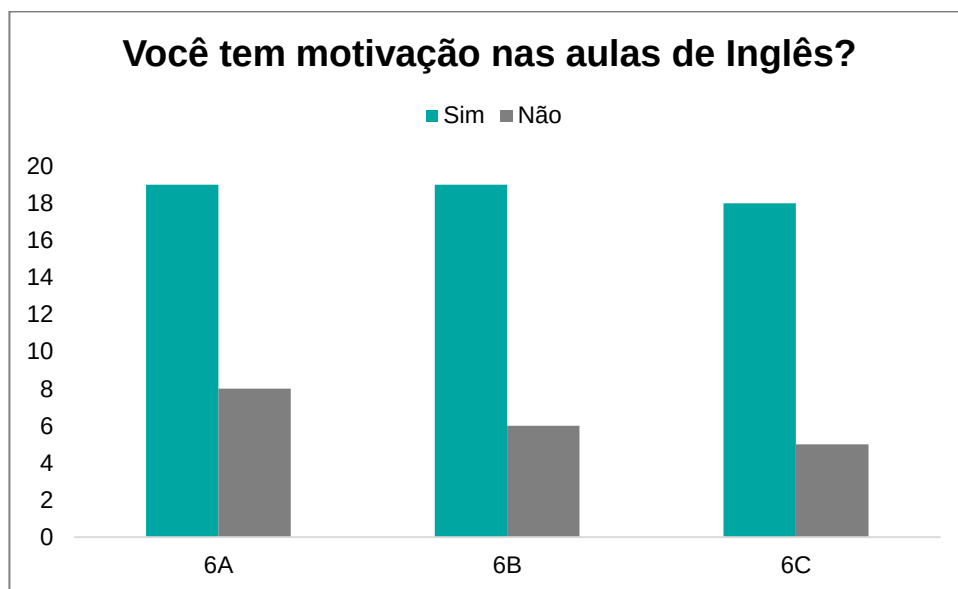


Gráfico 5 - Você tem motivação nas aulas de Inglês?

Em relação a esta pergunta, o enfoque foi o aluno, uma vez que, a motivação para aprender outra língua também decorre das aulas que a professora ministra em sala de aula.

Mesmo eu tendo resultado satisfatório nesta pergunta, percebi após as rodas de conversa que tive por conta da aplicação do questionário que tenho me esforçado pouco para elevar a motivação dos alunos do sexto ano e que me acomodei no livro didático, o que não existe no quinto ano, bem como eles mesmos lembraram. E por não existir livro de inglês para o quinto ano na prefeitura, no ano anterior eu pesquisava muitas aulas diferenciadas para eles que eram meus alunos desde o ano passado.

Os resultados aqui para o não satisfatório são de alunos que em sua maioria não gostam de inglês desde o quinto ano e alguns gostavam e não gostam mais.

Difícil entender o que se passa neste contexto escolar ou mesmo neste distanciamento dos alunos em relação à disciplina de inglês

Neste momento para ilustrar sobre a motivação trago mais uma reflexão com Silva (2010)

“[...] a motivação é um elemento chave para o sucesso na aprendizagem de línguas estrangeiras”.³ (SILVA, P.284)

Entendo que sem a motivação torna-se difícil agregar conhecimentos e trazer à tona o brilho nos olhos dos alunos ao assistirem minha aula.

Turmas	Sim	Não
6A	13	8
6B	19	6
6C	18	5

Tabela 5 - Você tem motivação nas aulas de inglês?

Nesta quinta pergunta, 50 alunos apontaram a motivação em aprender inglês. Aqui também houve uma revelação interessante para mim, dado que o 6A que é a sala mais tranquila de aplicar atividades, somente 13 participantes da pesquisa sentem-se motivados e 8 estão desmotivados, enquanto que o 6C que é uma sala com muitas dificuldades de aprendizagem, disciplina e até mesmo afetividade, 18 responderam a sua motivação em sala de aula e somente 5 estão sem motivação. Já o 6B, não trouxe grandes surpresas.

Realmente tenho que expor aqui a minha surpresa a cada leitura do questionário e verificação dos resultados. A cada momento realinho os pensamentos e me questiono lembrando das aulas e comportamentos de cada sala e do meu desenvolver em atividades para entender as respostas que estão sendo sempre reveladoras.

³Disponível em:

<http://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/artigos/n4_2011/fronteira_digital_n4_2011_art_5.pdf> Acessado em 13 de agosto de 2017.

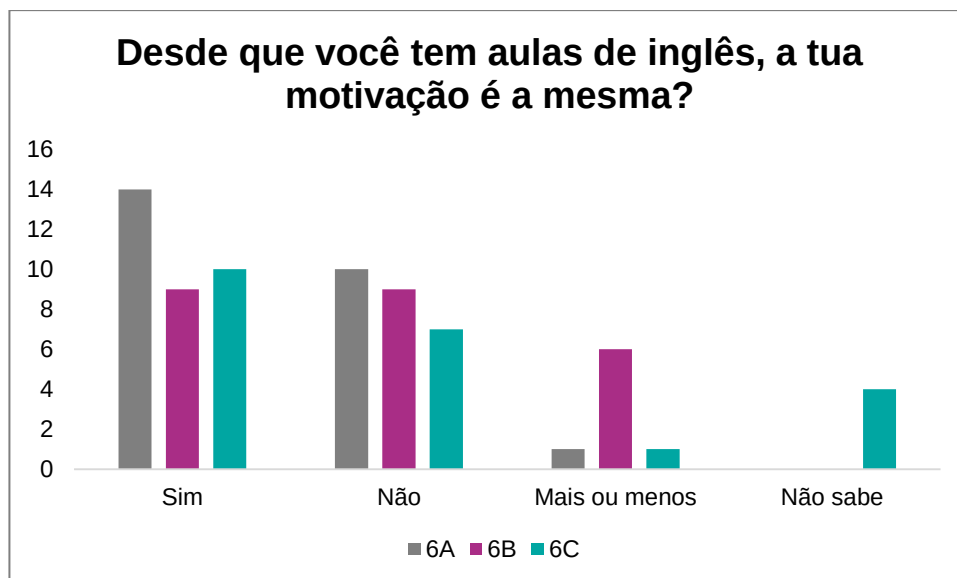


Gráfico 6 - Desde que você estuda inglês, a tua motivação é a mesma?

Nesta sexta pergunta, o enfoque é o aluno. Eu quis saber o quanto ele foi modificando e perdendo o interesse na disciplina em que leciono. Os dados demonstram que uma grande parte dos alunos está ainda motivados desde que tem aulas comigo. Lembrando que o primeiro contato com a Língua Inglesa que eles tiveram e ainda continuam tendo é comigo, porque são alunos que acompanho desde o quinto ano, com exceção dos transferidos de outra rede ou escola, o que representa uma minoria. Vemos aqui que para a outra sala do 6B, os alunos ficaram bem divididos sem grande diferencial de motivação e desmotivação de um ano para o outro. Entretanto, o 6C teve uma parcela de alunos bastante diferenciada, pois alguns até responderam que não sabiam opinar a respeito desta pergunta.

Esta é uma das perguntas em que li duas vezes alguns comentários para eu poder melhorar meu Planejamento e modificar de acordo com o que estou percebendo.

Gardner (1985, p.10) "a dimensão na qual um indivíduo trabalha para aprender a língua por causa de um desejo de assim o fazê-lo e a satisfação experimentada nesta atividade".

Tornar o ambiente em sala de aula motivador tem sido um desafio constante nesse contexto de pesquisa.

Desde que você tem aulas de inglês, a tua motivação é a mesma?				
Turmas	Sim	Não	Mais ou menos	Não sabe
6A	14	10	1	0
6B	9	9	6	0
6C	10	7	1	4

Tabela 6 - Desde que você estuda inglês, a tua motivação é a mesma?

Um fator a se observar aqui é que de 75 alunos, 33 continuam com motivação, mas 26 a perderam e 8 mais ou menos continuam, por enquanto pelo que observei dos nomes que responderam. Preciso urgentemente verificar o que ocorreu, ou melhor, já estou percebendo. Agora é só colocar em prática para aumentar este número de motivados e trazer os que estão mais ou menos motivados para participarem da aula.

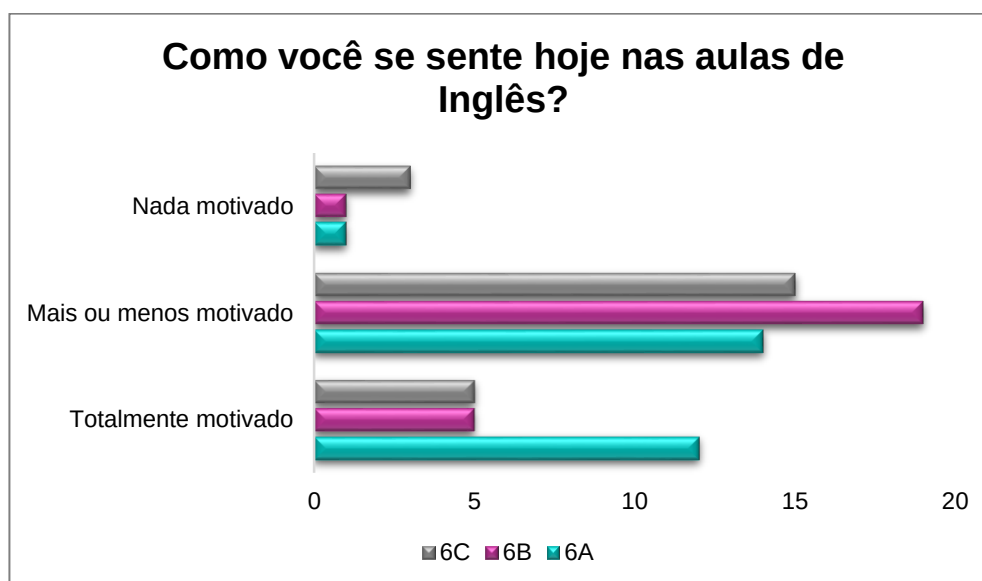


Gráfico 7 - Como você se sente ao falar inglês na sala de aula?

Nessa sétima pergunta, é perceptível a motivação dos alunos ao falar inglês em sala de aula, sendo que a maioria nas três salas se mostrou mais ou menos motivados. Para isso ser melhorado, é necessário que os professores intervenham com atividades que tornem a aula dinâmica, como os propostos da próxima questão.

Dessa forma, os alunos se sentirão mais confortáveis com relação ao inglês, pois isso depende extremamente da interação aluno-professor.

Emoticons	6A	6B	6C
a) 😭	0	0	0
b) 😜	3	5	4
c) 😞	7	2	5
d) 😄	5	7	5
e) 😍	6	5	5
f) 😳	6	6	4

Tabela 7 - Como você se sente ao falar inglês na sala de aula?

Aqui não houve gráfico, devido à disposição ser diferenciada, pois os emoticons fazem parte do contexto dos alunos e representam bem o que ele sente em relação às aulas de inglês. Então, logo abaixo usarei os nomes que as crianças deram às carinhas.

Percebe-se aqui que muito embora alguns não gostem de inglês, nenhum aluno respondeu à letra a, que sofre ou chora nas aulas. Na letra b, 12 alunos acham legal o inglês. Vendo a letra c, 7 alunos ficam entediados com as aulas, dando maior enfoque para o 6B, o que me causou espanto, por ser uma sala que não reclama tanto das atividades. Verifiquemos agora a letra d, que 17 alunos ficam alegres ao assistirem às aulas, o que é quase o mesmo resultado para a letra e, pois temos 16 alunos dentre as 3 salas que amam as aulas. No entanto na carinha f, a mesma quantidade se deu para não entendendo nada, essa foi a fala deles durante a conversa; aqui temos 16 alunos das 3 salas que tem muita dificuldade. Este resultado destas carinhas foi um dos que mais me auxiliou, pois durante a roda de conversa descobri que muitos alunos estavam envolvidos na resposta da carinha f (que não entendem nada) E eu não havia percebido isto, durante quase dois anos em que estou com eles. Os bimestres se passam sem nos darmos conta de que mudanças são necessárias. E com este conjunto de instrumentos a ser observado, isso foi possível.

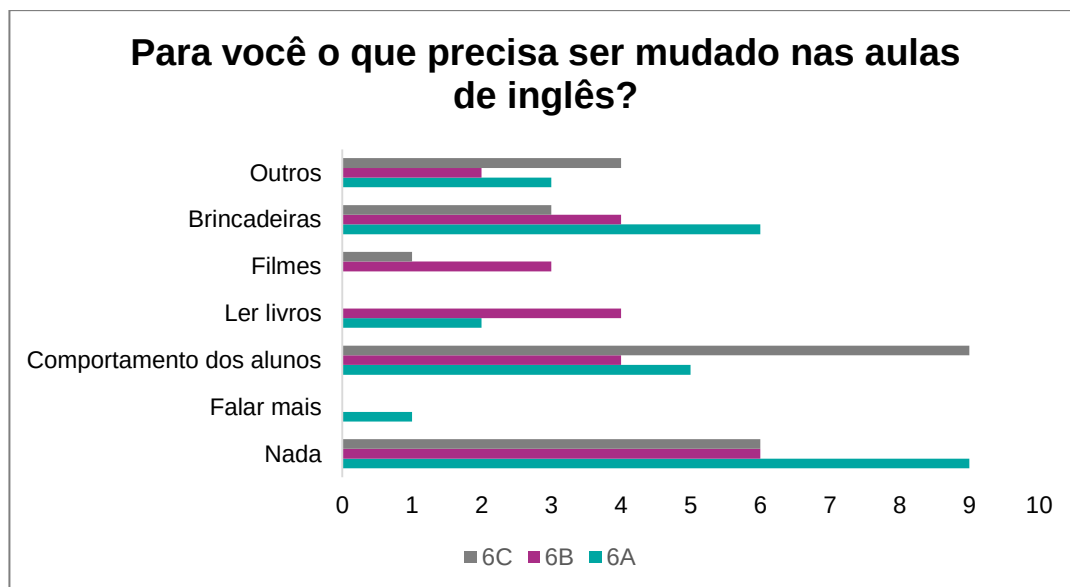


Gráfico 8 - O que precisa ser mudado nas aulas de Inglês?

Aqui o enfoque foram as aulas, ou seja, a professora e o seu método de lecionar.

O mais intrigante é que neste resultado tanto na resposta de que não precisa mudar nada, quanto na resposta de comportamento dos alunos, o resultado foi o mesmo. O que se percebe que em determinada sala os alunos percebem as dificuldades de eles mesmos serem indisciplinados. Digo isto porque esta resposta veio da sala mais difícil da escola. Quanto aos outros itens, ler livros nem foi mencionado pelo 6C, e o 6A que se apresenta mais maduro em relação a indivíduos, foram os que mais apontaram que precisam mudar as brincadeiras e que elas atrapalham. Ao conversar com eles no diálogo pós questionário eles apontaram a falta de brincadeiras. E baseado nas respostas de nossas conversas e questões, no dia seguinte a esta conversa montei um jogo sobre verbos em inglês e todos participaram sem nenhuma resistência e com bastante entusiasmo.

Verifica-se que nos momentos em que a aula de leitura, envolveu brincadeiras e dinâmicas, a participação é quase que cem por cento da sala.

A priori, analisar as necessidades dos alunos é algo muito claro com este método de pesquisa utilizado com perguntas abertas e fechadas no questionário de anexo 1 e na coleta dos resultados, demonstrados pelos gráficos.

Conforme Carvalho (2008) é preciso propiciar um ambiente em que os alunos sintam-se pertencentes àquele contexto. É isso que a pesquisa me possibilitou, trazer os alunos ao contexto.

Turma	Nada	Falar mais	Comportamento dos alunos	Ler livros	Filmes	Brincadeiras	Outros
6A	9	1	5	2	0	6	3
6B	6	0	4	4	3	4	2
6C	6	0	9	0	1	3	4

Tabela 8 - O que precisa ser mudado nas aulas de Inglês?

Os resultados aqui foram bastante variados, visto que 21 alunos no total das salas acharam que não precisa mudar nada. Apenas 1 aluno escolheu o item falar mais em sala, mas 18 alunos perceberam que também eles precisam modificar-se quanto ao comportamento. Somente 6 alunos querem que leia livros e apenas 4 que gostariam de assistir à filmes. Quanto às brincadeiras 13 alunos acham que isso precisa ser mudado. O item outros, teve resultados diversos, tais como: sentar mais com o aluno, explicar mais individualmente, gostar de dar aula etc. Esta tabela teve muitos subitens que ficaram distantes de chegar a uma conclusão em relação a diferentes posições, considerei aqui apenas os mais relevantes à pesquisa.

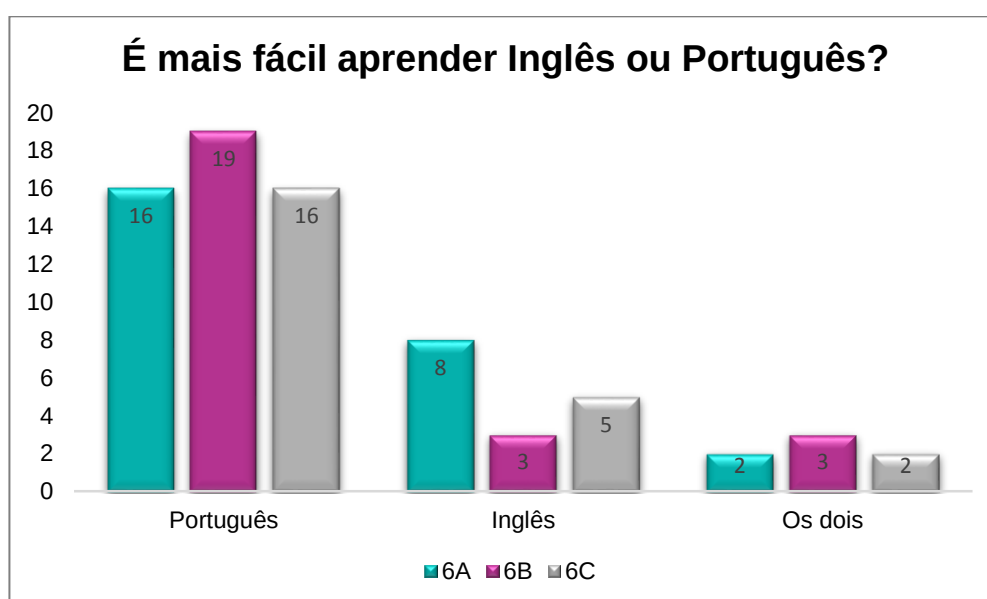


Gráfico 9 - O que é mais fácil aprender: Inglês ou Português?

Neste questionamento, visualizamos que a língua portuguesa foi a escolhida dos alunos porque a maioria da sala 6B, prefere aprender português. E conversando com a professora desta disciplina citada, ela disse que os alunos tem um rendimento satisfatório em sala de aula, o que não ocorre no 6C, em que 16 alunos responderam ser mais fácil aprender português ao invés de inglês. No entanto, a maioria dos alunos desta sala está com nota vermelha nos três bimestres na disciplina de português. Na sala do 6B o resultado foi igual ao 6C, a maioria acha mais fácil aprender português. Já nesta sala, a professora de língua portuguesa disse que as notas são excelentes e relatou que é uma sala bastante participativa nas atividades.

Refiro-me à disciplina de português porque achei interessante saber sobre o desempenho nesta disciplina em razão do resultado, pois entendo que está ligado o fato de achar a língua materna mais fácil.

O que é mais fácil aprender: Inglês ou português?			
Turmas	6A	6B	6C
Português	16	19	16
Inglês	8	3	5
Os dois	2	3	2

Tabela 9 - O que é mais fácil aprender: Inglês ou português?

Esta questão foi dada pelo motivo de alguns alunos comentarem em sala de aula que o português é mais fácil e outros falarem que inglês é mais fácil porque detestam verbos e fazer frases certas etc.

Constata-se que na hora de responder que 51 alunos responderam que o português é mais fácil que o Inglês, enquanto que 16 acham o Inglês mais fácil e apenas 7 consideram as duas línguas de igual facilidade.

Neste resultado vê-se a dificuldade no contato com língua estrangeira, pois os alunos não possuem conhecimentos para valorização desta língua.

[...] o desenvolvimento de uma língua estrangeira constitui, muitas vezes, um entrave que fecha o acesso ao mundo moderno, que impede o consumo de conhecimentos produzidos no estrangeiro, além de cercear a contribuição ativa e eficiente na produção e no desenvolvimento científico e tecnológico internacional (CELANI, 1996, apud NICHOLLS, 2001, p. 15).

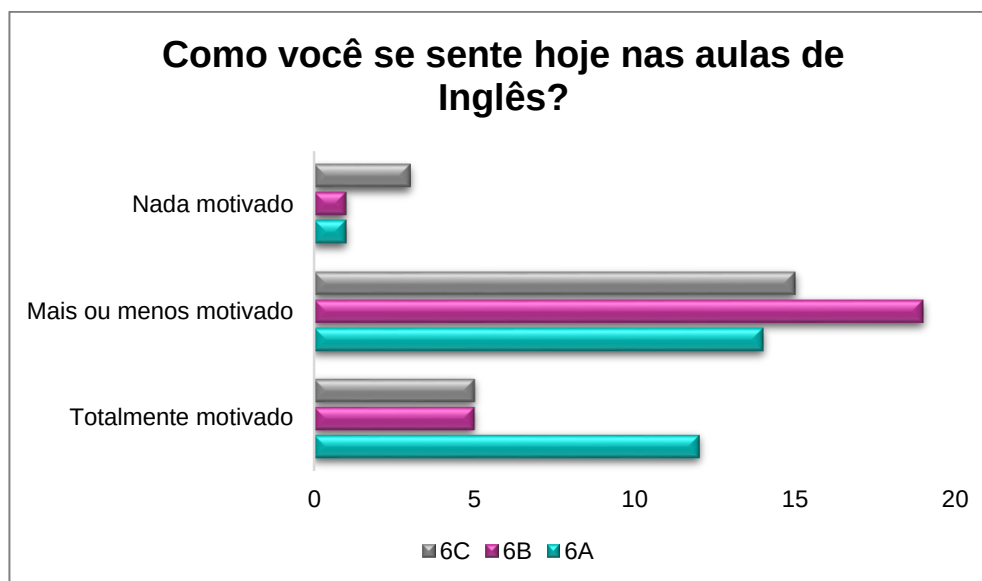


Gráfico 10 - Como você se sente hoje nas aulas de Inglês?

Trago mais novidades e aulas mais dinâmicas aos quintos anos, por saber que eles gostam da disciplina e se esforçam mais em questão de fazerem pesquisas, lição de casa completa e concomitante a isso a indisciplina torna-se menor no cotidiano e as aulas passam-se levemente no decorrer dos bimestres. O que já não ocorre às salas dos sextos anos, nas quais diante de alguns obstáculos, caio em desmotivação trazendo algumas vezes o que realmente eles gostam que seja o livro didático. Neste momento de introspecção achei estranho enxergar a mim mesma, simultaneamente ao momento desta escrita. Percebo que não me esforço o quanto deveria nas salas em que minha disciplina não se torna relevante ao aluno. Portanto, vale refletir a frase: Esse questionário nos proporciona prestar atenção no que o aluno quer dizer pra nós de forma explícita ou velada?

E quando cinco alunos do 9C responderam no questionário que estão mais ou menos motivados, penso que eu não estou enxergando os reais problemas que existem no cotidiano das aulas e também constatando que oito querem aprender com Inglês coisas novas, é perceptível que não estou conectada com os anseios destes aprendizes.

Como você se sente hoje nas aulas de Inglês?			
Turmas	Totalmente motivado	Mais ou menos motivado	Nada motivado
6A	12	14	1
6B	5	19	1
6C	5	15	3

Tabela 10 - Como você se sente hoje nas aulas de Inglês?

Analizando estas respostas, vejo que a sala do 6A, o resultado foi diferente do que eu pensava, há 12 alunos motivados e 14 mais ou menos, e só um nada motivado. Agora, percebendo que somente 5 alunos do 6B e 5 do 6C estão totalmente motivados, vejo o quanto preciso trabalhar com estas salas, ou seja, de 75 alunos somente 22 estão gostando das minhas aulas, enquanto que 49 alunos estão mais ou menos, o que me leva a pensar seriamente em novas estratégias de aula. Ao menos o número de nada motivado não foi tão assustador, somente 5 se referiram a este item.

Segundo Mc Combs e Pope (1994)⁴, o aluno motivado é aquele que tem aulas desafiadoras, com atividades contextualizadas. Então, diante desta frase e do resultado acima, vejo o quanto isso é verdadeiro.

⁴ Disponível em:

<https://books.google.com.br/books/about/Motivating_Hard_to_Reach_Students.html?id=0zZoQgAACAAJ&redir_esc=y>. Acesso em 19 de maio de 2017.



Gráfico 11- O que você achava das aulas de inglês anteriormente?

Aqui temos todas as salas demonstrando que as aulas anteriormente eram mais interessantes, dando destaque ao 6A que demonstra que eram mais legais as aulas. Quando conversei com esta sala que é a mais participativa, eles disseram que eu passo muitos textos e eles ficam cansados porque as outras disciplinas também o fazem e que a minha aula era a única que dava jogos, dinâmicas, bingo pra aprender números e agora segundo eles, eu fiquei igual aos outros professores e que antes inglês e Educação Física eram as duas disciplinas que eles gostavam mais, porém agora só gostam de Educação Física.

O que você achava das aulas de inglês anteriormente?					
Turmas	Legal	Chatas	Igual a hoje	Mais interessantes	Outros
6A	10	2	3	12	4
6B	15	5	2	3	0
6C	10	4	4	5	0

Tabela 11 - O que você achava das aulas de inglês anteriormente?

Tem-se na tabela número 11,35 alunos que acham a aula legal, com 11 alunos que acham chatas e 21 alunos acham que as aulas eram mais interessantes. E quanto ao item outro, 4 alunos do 6A, fizeram comentários diversos.

Os números não deixam dúvidas do por que eu tenho dificuldades na disciplina dos alunos e em motivá-los porque minhas aulas foram se modificando com o tempo.

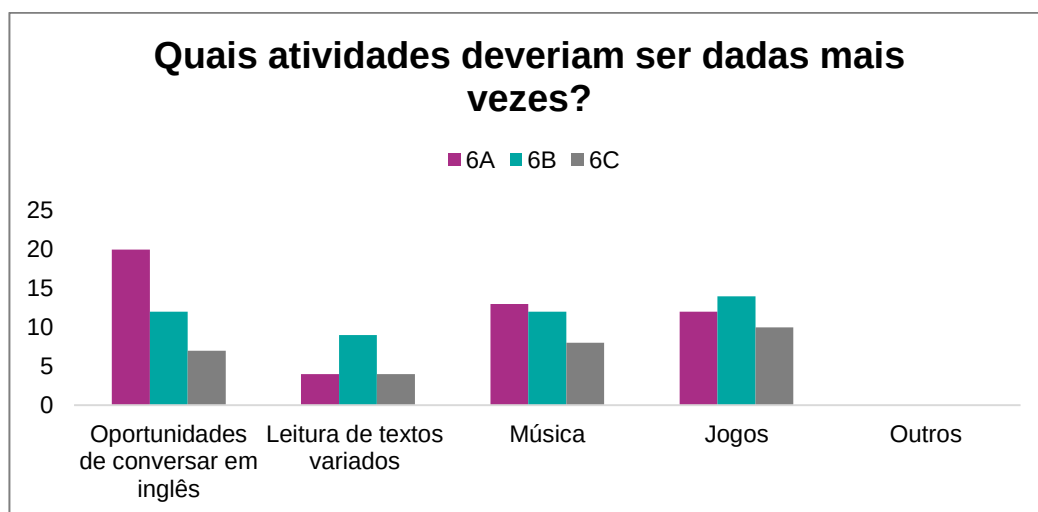


Gráfico 12-Quais atividades deveriam ser dadas mais vezes?

Aqui o enfoque é atividade e oportunidade em sala. Ante a clareza das respostas e facilidade de entendimentos não precisei comentar sobre esta pergunta, porque percebi que oportunidades de falar inglês, só uma sala deu importância a essa atividade. Não obstante, as outras assinalaram música e jogos quase que na mesma proporção. Esta pergunta deixa bem claro como devo reformular meu Planejamento do ano que vem, mas ainda há tempo de modificar neste ano para o quarto bimestre fazendo algumas inserções.

Percebe-se que as ferramentas com novo design virtual colaboram com o ensino-aprendizagem. São as novas tecnologias em que o aluno usa com propriedade, portanto vem requerer o seu uso em sala de aula, Ramos (2005).

Lendo a matéria de Paiva (2009, p.33)⁵ que os alunos que se sentem motivados vêem utilização da Língua Inglesa em outros momentos de sua vida. É exatamente isso que este resultado mostra, pois usam em músicas, jogos etc.

⁵ Disponível em <<http://www.sala.org.br/index.php/estante/academico/468-qual-a-verdadeira-finalidade-do-ensino-da-lingua-inglesa-na-escola>>. Acessado em 18 de agosto de 2017.

Quais atividades deveriam ser dadas mais vezes?					
Turmas	Oportunidades de conversar em inglês	Leitura de textos variados	Música	Jogos	Outros
6A	20	4	13	12	0
6B	12	9	12	14	0
6C	7	4	8	10	0

Tabela 12 - Quais atividades deveriam ser dadas mais vezes?

Detectamos algo que só mesmo com essa pesquisa para eu descobrir que 38 alunos querem ter mais oportunidades de conversar mais vezes, e justamente isso eu achava que eles não queriam. 17 alunos querem textos variados e preciso me atentar mais uma vez que a música e jogos fazem parte do fator motivação para esses alunos. Obtivemos 33 alunos que querem mais músicas e 36 deles querem mais jogos. Nenhum aluno mencionou outro tipo de atividade.

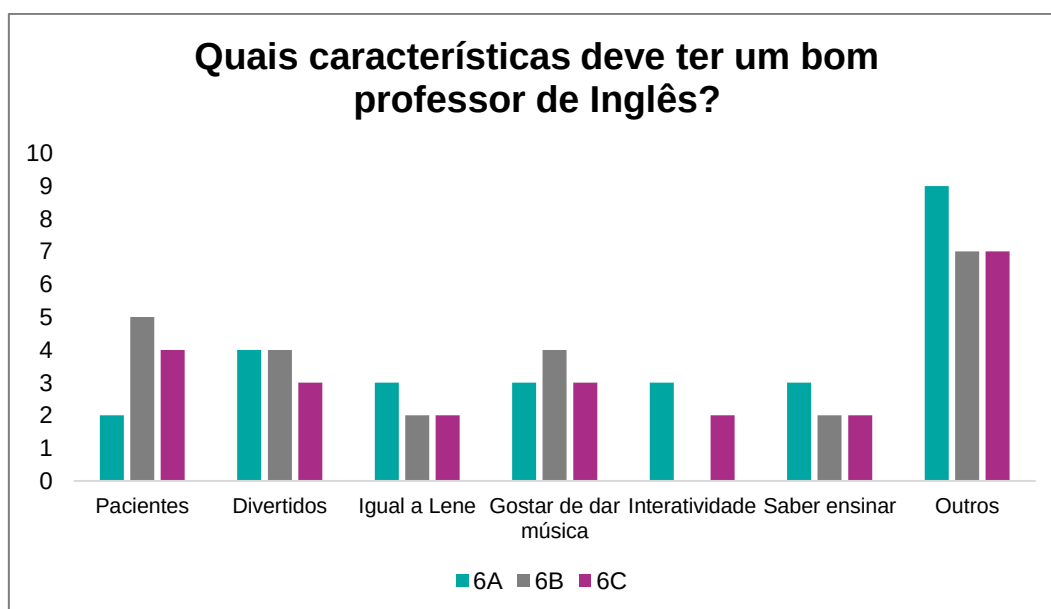


Gráfico 13 - Como dever ser um bom professor de Inglês?

Esta é uma pergunta aberta para que os alunos realmente informem o que mais desejam em um professor. Durante os diálogos percebi que todos queriam falar ao mesmo tempo sobre esta questão. Todos tinham muitas ideias

de como deve ser um professor. Até professor que traz balas saiu nomeio da conversa, achei muito engraçado e eles disseram que já tiveram uma professora de geografia que fazia isto e que se a professora de inglês fizesse seria legal. Essa questão foi a mais interativa e tranquila, mesmo porque já estava ao final do diálogo. Aqui se destacou o 6A que é uma sala em que não tenho grandes problemas, lês responderam que queriam um professor paciente. Não entendi o porquê da resposta, mas ficarei mais atenta. Quanto ao professor divertido que o 6B respondeu, entendi que realmente esta sala é a última em dou aula e não demonstro entusiasmo porque já estou cansada. Parece muito mágico este questionário, mas observei coisas que em um ano de aula com eles e até o final do ano não ia perceber.

Como dever ser um bom professor de Inglês?							
Turma	Paciente	Divertido	Igual a Lene	Gostar de dar música	Saber ensinar	Interatividade	Outros
6A	2	4	3	3	3	3	9
6B	5	4	2	4	2	0	7
6C	4	3	2	3	2	2	7

Tabela 13 - Como dever ser um bom professor de Inglês?

Dentro deste resultado os fatores são bastante diversificados. Aqui 11 alunos querem um professor divertido e também um professor paciente. Ao passo que 8 alunos querem um professor igual a mim. 10 destes alunos querem um professor que passe músicas e 5 querem um professor que saiba interagir. O item outros foi bastante diferenciado, porque uns expressaram precisar de um professor que seja mais carinhoso, professor que não brigue, professor que não fale alto, dentre outros. Diante desse resultado apontamos Freire (2005) quando nos mostra que a parte dialógica em sala de aula traz reflexão e agir dos envolvidos no contexto de sala de aula.

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91)

É pertinente frisar que a coleta destes dados acima, promoveu respostas as minhas perguntas de pesquisa:

1 - Qual a visão dos alunos sobre as aulas dos alunos de Língua Inglesa?

2 - A partir das reflexões do aluno, como adaptar o Planejamento do ensino de Inglês no 6º ano?

Esta pesquisa pautou-se em vários procedimentos e metodologias exercidos e estudados pelos autores citados neste trabalho.

A investigação em sala de aula, obteve resultados totalmente diferentes do que a pesquisadora/professora esperava. Os métodos, roda de conversa, questionário, entrevistas, trouxeram descobertas sobre a pessoa humana que cada aluno é e também quais as necessidades em Língua Inglesa.

Esta pesquisa pode aprofundar-se em desenvolver com os próprios alunos jogos, dinâmicas e outras atividades que levem ao aprendizado de forma prazerosa trazendo a motivação aos alunos do ensino fundamental II da rede pública no ensino de Língua Inglesa.

As mudanças existentes no Planejamento do início do ano foram decorrentes dos resultados desta pesquisa. O replanejamento, visou contemplar as colocações e análises dos resultados.

Neste capítulo foram apresentados os caminhos percorridos pela pesquisadora para motivar os alunos do ensino fundamental II da rede pública no ensino de Língua Inglesa que foram: aplicação de questionário, roda de conversa, entrevista, diário de campo e gravação.

Pretendo dar continuidade no ano de 2018 ao uso de alguns instrumentos que foram utilizados nesta pesquisa e dar mais voz aos alunos para que a aula seja motivada. Delors (2004)

“que a voz é resultante e reveladora de todos os aspectos socioculturais do indivíduo, a escolha de dar voz ao aluno na escola, torna-se primordial para o aprender a ser e aprender a conviver, pilares estabelecidos Delors (2004)

3.2 Gravação de aula

A gravação de aula tem como objetivo registrar as informações e decorrências da aula para uma observação e intervenção futura nas ações.

O objetivo dessa gravação de aula é perceber as dificuldades no ensino-aprendizagem e a dimensão da aula, possibilitando mudanças posteriores na didática da pesquisadora. Essas mudanças de paradigmas são decorrentes das reflexões observadas na gravação. A mudança de paradigmas é indicada em: (Magalhães, 2004; Perrenoud, 2002; Liberali, 2008; Romero, 2010).

A gravação de aula foi feita na sala do 6B e do 6C, todavia neste trabalho só há a observação da sala do 6C por se tratar de participantes com maior dificuldade de aprendizagem e interação em sala de aula.

A transcrição da aula foi um trabalho árduo, uma vez que essa sala do 6C são muito indisciplinados e o som da gravação tornou-se um pouco inaudível, pois ainda que a professora tentasse pedir silêncio aos participantes as conversas paralelas e brigas constantes entre alguns alunos, dificultou a escuta desse instrumento. O que nos remete a Basso (2006) “certa ordem no caos que parece reinar nas aulas de língua estrangeira”. Ao início da aula a professora só conseguiu aquietar a sala após longos e demorados dez minutos. Em seguida entregou aos alunos uma atividade (anexo 9), e disse que teriam 20 minutos para fazê-la. Alguns alunos pediram para sentar em dupla, mas a professora não deixou. Outros pediram auxílio o tempo inteiro. E no momento da correção o barulho que já estava se formando novamente devido às dificuldades do exercício se intensificou. A maioria dos alunos não ouviram as respostas e no meio a este processo um aluno foi retirado de sala, porque jogou um borracha no olho do outro aluno que estava chorando.

Apresentados aqui momentos em que a professora julgou pertinente demonstrá-los no trabalho, pois as situações descritas permitiram maior reflexão do trabalho docente. De acordo com Liberali (1994) “O processo reflexivo tem sido considerado como essencial na aprendizagem e formação do(a) professor(a)”. Excertos transcritos exatamente de acordo com a fala de alguns momentos da aula. Aqui estão representados a professora pela letra (P) e os alunos pelas demais letras existentes no excerto, letras (A,B,C,D).

Excerto 1

P: Ou vocês sentam para fazer o exercício ou vou marcar dois negativos, vou contar até dois.

A: Prof, não vou sentar porque meu caderno o aluno novo pegou.

B: Eu vou te quebra se fala q eu peguei vem olha aqui vem.

A: Não vofaze lição.

P: Eu não quero nem saber, onde foi parar o teu caderno, aqui não é sala de quarto ano. Senta e faz a lição senão dou negativo.

Somente no momento de ouvir pela segunda vez essa gravação é que percebi minha postura ríspida com aluna A que perdeu o caderno. Ainda que a professora estivesse exausta pelo barulho intenso e pela indisciplina, escutar a gravação demonstrou sua postura de intolerância e descaso com a aluna. Nos remete à essa reflexão “Ao falar da prática, utilizando-se de conceitos, os praticantes passam a assumir um papel autoconsciente e regulador em relação a suas ações” Liberali, (1994).

A reflexão do momento da aula só ocorreu escutando mais de uma vez a gravação.

Excerto 2:

C: Thitha, não tô entendendo nada disso aqui. Por isso não gosto de inglês não entendo nada

P: Ao menos você tenta primeiro depois eu te ajudo, mas até agora você não sentou, como é que está preocupado em fazer

C: Se fosse a aluno D, a senhora explicava, só porque so eu, não me ajuda então não vô faze nada.

E: Oh meu filho não tenho culpa se você é burro.

P: Bom vamos todos tentar fazer, daqui a pouco eu corrijo, ok?

Verifica-se aqui neste excerto 2 que o aluno tem um problema de autoestima. Embora a professora ministre aulas a esse aluno C há dois anos, somente ao escutar a gravação que é percebida essa dificuldade no aluno C.

Diante desse cenário de indisciplina, falta de autaaestima e dificuldade com o inglês, cabe salientar que a professora está com três problemas a resolver nesse único aluno C. A professora começou a pesquisar atividades significativas como sugeridas nos PCN (Brasil, 1998), dentro da

contextualização do aluno. Como já mencionado, a professora passa a refletir sobre quais aspectos teria que mudar as estratégias de aulas, mesmo tendo que contemplar o conteúdo do planejamento dentro dos objetivos do ensino fundamental da língua estrangeira.

Finalizo as observações das gravações, objetivando mudanças de postura advindas dos anos subsequentes de magistério que não permitiram humildade de perceber que os anos na profissão de professora trouxeram experiência, mas trouxeram o conhecimento de novas metodologias.

3.3 Entrevista

Pautada em Rizzini (1999) que a entrevista é um instrumento de conversa intencional, quando existem poucas situações a serem observadas, ao entrar em contato com o estudo desse instrumento entendi que a melhor maneira de entender um aluno que não tinha motivação em minhas aulas e ao contrário dos demais agora é participativo, fiz uma entrevista com ele. Minha entrevista foi semi-dirigida, pois teve um pequeno número de perguntas e algumas questões foram formuladas durante a entrevista Rizzini (1999).

Para maior entendimento da entrevista dos participantes presentes no excerto abaixo, as siglas (P) professora e a sigla (A) aluno.

P: Eu gostaria de fazer uma entrevista com você sobre algumas respostas suas do questionário (anexo 3), pode ser hoje?

A: Mas como assim?

P: Não se preocupe, eu só não compreendi algumas coisas e gostaria que você fosse bem sincero quanto às respostas, porque eu gosto muito de você por isso o escolhi para a entrevista. Mas me diga: - Por qual motivo gosta das aulas este ano?

A: Porque eu gosto da matéria e vou usa isso quando eu cresce

P: Você comentou de profissão. Já pensa em algo quando crescer?

A: Meu pai sempre fala pra mim que eu tenho que estuda pra se alguém na via

P: Por que hoje em dia não é mais um aluno bagunceiro?

A: Porque meu pai falou que se eu continua bagunçando na sua aula, não vou mais visita minha mãe que mora longe. E a senhora sempre passa a mão no meu cabelo penteando ele parece a minha mãe.

A entrevistadora silenciou, diante dessa resposta, pois muitas vezes não era entendido a indisciplina desse aluno entrevistado.

Este relato acima demonstrou a vantagem da afetividade com o aluno.

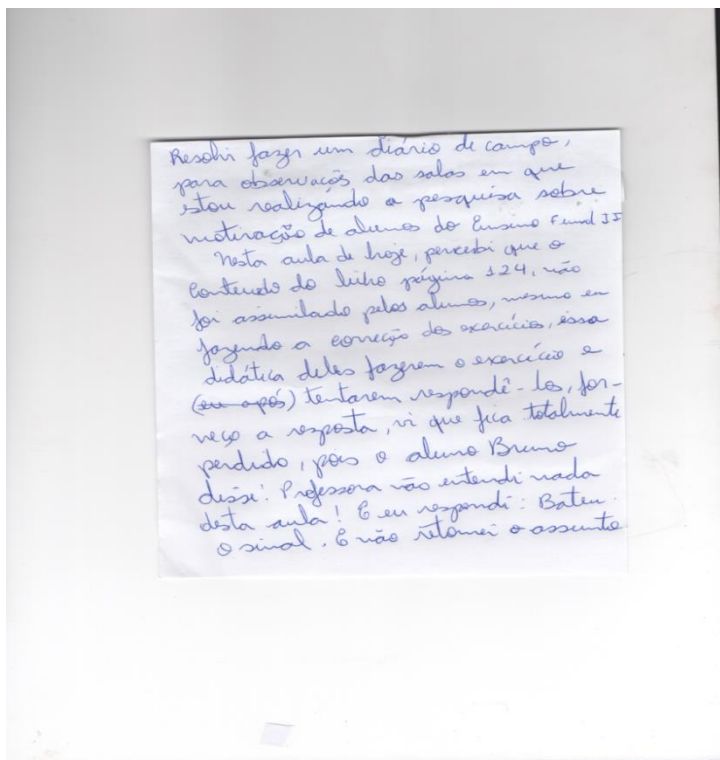
Após essa entrevista a professora aproximou-se ainda mais do aluno entrevistado. Considerando que o ambiente escolar nos absorve em burocracias a serem cumpridas nos afastando do lado afetivo que esses seres em desenvolvimento precisam. O professor também precisa desenvolver esse lado afetivo, para promover a tranquilidade nos alunos o que certamente é comprovado na entrevista facilita a rotina em sala de aula. Vygotsky (1996) enfatiza que a relação afetiva e cognitiva tem influência na personalidade.

3.4 Diário e descrição de aula

Esse texto tem por objetivo demonstrar as reflexões vividas por parte da pesquisadora. Essas anotações do diário de campo podem ser revividas através das leituras e percepções acerca do contexto mencionado no diário descrito.

É importante ressaltar que foram selecionadas duas anotações diferenciadas uma da outra, pois a pesquisadora julgou pertinente apresentar somente dois desses escritos. Sendo um deles da forma primária tal qual foi iniciada no momento inicial da pesquisa.

Aqui estão apresentadas descrição das impressões, relatos das impressões particulares, descrição das atividades desenvolvidas e a observação do pesquisador quanto ao seu próprio comportamento. Segundo Rizzini (1999), é dentro dessas características que se desenvolve um diário de campo.



Excerto 1

3.4.1 Diário 1

A amostragem dos primeiros escritos está em forma primitiva, sem dígito para reforçar o uso fidedigno deste instrumento.

O objetivo do diário é trazer à tona aspectos particulares do momento transcrito. Esse registro possibilita uma reflexão da aula realizada

Este instrumento trouxe à tona aspectos implícitos da aula e também uma reflexão da aula realizada. As observações a seguir foram feitas de acordo com os conceitos pontuados de Liberali (1999).

Em concordância com Schön (1987) que reflexão-na-ação e reflexão-sobre-a-ação conduz à professora a racionalidade de suas práticas. Embora o diário não tenha sido escrito em todo o período da aula, durante a ação foi possível a reflexão dessa ação, principalmente no momento em que a professora ouviu do aluno: *Não entendi nada*. A professora foi para a outra sala pensando em retomar esta aula, mas reviu esta sala três dias depois dessa ocorrência e mesmo ficando chateada não retomou o assunto do qual o menino disse que não entendeu nada. Embora escrita de uma forma bastante irregular para um

diário de campo essa primeira observação durante a ação da professora, fez com que alguns dias depois as anotações do diário fossem relidas e a professora desse um pouco mais de atenção ao aluno em questão.

A professora percebeu que um diário de campo precisa ter todos os detalhes para serem analisados posteriormente, refletidos e diante dessa interpretação é preciso haver intervenções para a melhoria do ensino-aprendizagem.

Bogdan, Biklen (1994) (...) “O investigador deve registrar suas ações e conversas. Isso pode ajudar a avaliar as influências diretas”.

3.4.2 Diário 2

A escrita desse diário foi feita na sala do 6A por se tratar de uma sala totalmente diferenciada dos outros sextos anos em questão de disciplina e participação. O objetivo de um público diferenciado foi refletir sobre o comportamento da professora e do aluno enquanto está presente nas aulas do 6B e C e presente nessa sala do 6A.

Contemplando o conteúdo de frutas do planejamento anual, a professora trouxe frutas verdadeiras para que os alunos além de comer pudessem aprender a importância de um alimento e soubessem a necessidade de lavar antes de ingerir o alimento cru. A sala de aula é espaçosa, bem como a maioria das escolas da prefeitura, por isso ao chegar a professora fez um círculo para que os alunos ficassem mais à vontade e porque eles são segundas séries e gostam de aprender Inglês. No período da manhã, na sexta série. A professora de Inglês trouxe o conteúdo de frutas pela primeira vez em sala, mostrou cartazes com seis frutas e pediu que os alunos identificassem em português os desenhos e a ela falava em inglês. Alguns alunos diziam que não conheciam determinadas frutas, tais como kiwi, pera e ameixa. E depois a professora perguntou se todos já haviam comido aquelas frutas. E uns seis alunos falaram que nunca comeram: morango, uva e kiwi, mas afirmaram que sabiam qual a fruta mostrada na imagem. Então, após a verificação de todas as frutas, ela entregou um desenho contendo as figuras das palavras ensinadas e incluindo outras frutas e então, pediu que eles pintassem, e percebendo que

alguns alunos ainda tinham preguiça e estavam pintando de qualquer jeito, ela disse para pintarem devagar para que o lápis não saísse desenho; ainda assim alguns alunos não conseguiram desenvolver uma boa pintura, a professora olhou determinados desenhos e não falou mais nada sobre isso. Em seguida, abriu a cesta de piquenique e entregou pedaços de maçã, gomos de laranja, algumas uvas e um morango para cada criança, dizendo que foram muito bem na aula, por isso chegou a hora de comer o que aprenderam, mas finalizou que seria só desta vez que teriam coisas a comer sobre o conteúdo. As crianças comeram falando que estavam gostosas, mas três alunos não gostaram do morango, porque acharam azedo. Sobraram algumas frutas e a professora levou à sala dos professores na hora do recreio, eles gostaram muito dizendo que seria bom se a professora sempre desse essas aulas, pois além dos alunos aprenderem mais, eles comeriam as sobras e todos na sala riram e o ambiente ficou descontraído. Antes de sair da sala, foi falando os nomes das frutas em inglês para ver se os alunos identificavam a palavra. Fez solicitações a alguns alunos específicos. Ela disse a eles que acertaram praticamente todas e que devolveria as atividades com as notas na próxima aula. E uns cinco alunos ficaram repetindo por conta própria em tom baixo os nomes das frutas aprendidas. Esta aula teve a duração de 80 minutos. Ao chegar à sala dos professores, na hora do recreio, a professora distribuiu o restante das frutas que eram poucas aos colegas que falaram rindo que gostariam que houvesse mais aulas como esta, porque além dos alunos aprenderem e comentarem animados sobre a aula, eles poderiam usufruir na hora do recreio dos alimentos. Este momento foi descontraído.

Os escritos desta aula possibilitaram a professora a constatar que as aulas mais prazerosas ao aluno são as contextualizadas e com recursos diferenciados. Foi uma das aulas em que 100% dos alunos tiveram uma participação demonstrando motivação em aprender o conteúdo ministrado.

3.5 Roda de conversa

A roda de conversa é um instrumento cujos objetivos são participar de situações de comunicação, pois neste momento os alunos percebem o interesse pelos pensamentos deles e ocorre a espontaneidade na conversa e

isso o impulsiona a participar; um outro objetivo é facilitar ao aluno que exponha suas ideias com clareza e autonomia e seguidamente os alunos aprendem a ouvir as ideias dos colegas.

A professora explicou que aquela aula seria para entendimento de algumas respostas do questionário (anexo 3).

Algumas participaram de forma autônoma e com maturidade para se expor e ouvir a colocação dos colegas, todavia em uma determinada sala o desenvolvimento da conversa ocorreu um pouco conturbada devido à dificuldade de diálogo em sala de aula. Aqui estão descritas as rodas de conversa, cujas fotos podem ser verificadas no anexo 8.

Na roda de conversa, só um se manifestou sobre não saber se está da mesma forma nas aulas. Ele disse que ainda não sabia dizer se gosta ou não de inglês porque tem dias que minha aula é legal, tem assuntos que o interessam e tem dias que ele não aguenta a aula porque é muito chata. Ao fazer a roda de conversa eu perguntei o que cada carinha na representação da tabela quis dizer pra eles e a maioria se expressou de forma espontânea.

Realmente estas rodas de conversa me desvendaram várias situações e a pesquisa me trouxe algumas coisas em que não concordo, como dar o tempo inteiro jogos, mas em sua maioria as exposições durante o diálogo foram bastante profundas e reflexivas.

Após ler todo o questionário de todas as salas, achei melhor fazer rodas de conversa em todas as salas e selecionei uma grande parte das perguntas, das quais as respostas me intrigaram ou mesmo algumas que não entendi o porquê das colocações. Antes disso, deixei bem claro que aquela conversa não valia nota e era única e exclusivamente para entender as colocações do questionário. Foi muito reveladora esta conversa, dado visto que muitos que não tinham hábito de se posicionar e ao se depararem com os amigos foram falando realmente o que pensa. Por muitos momentos me senti um tanto incomodada com algumas colocações, tais como: as aulas de inglês antes eram mais legais, não só pelas brincadeiras, mas porque a professora não brigava tanto com a gente. Este aluno falou em terceira pessoa da professora, como se não fosse eu que ministrava suas aulas, me incomodei com isso.

Esta conversa foi um pouco conturbada no 6C que diante dessa forma diferenciada de abordar um assunto se desentenderam entre eles, posto que

uns chamaram atenção dos outros, falando que eu devia por pra fora os alunos que são chatos, eu devia dar suspensão, alguns aproveitaram pra jogar papel em quem o ofendeu, enfim, foi um tanto difícil colher as respostas do que eu não havia entendido, mas faltando 20 minutos para a aula terminar, tudo correu bem e a conversa fluiu de forma amigável e rica em entendimento do comportamento de alguns. Neste momento houve falas que não diziam respeito à aula, contudo foi um desabafo de uma aluna. Ela disse que as alunas não falam com ela em sala de aula porque ela é quase careca e ficam com medo de pegar sua doença, por isso ela nem participa das aulas porque não quer chamar a atenção de ninguém. A sala ficou muda neste momento que vem ao encontro de Rousseau (1762, p.38), “(...) a criança nasce inocente, mas corre o risco de ser sufocada por “preconceitos, autoridade, necessidades, exemplos de todas as instituições sociais em que estamos submersos (...)”.

Na roda de conversa, só um aluno se manifestou sobre não saber se está da mesma forma em relação ao entendimento de inglês. Ele disse que ainda não sabia dizer se gosta ou não de inglês porque tem dias que minha aula é legal, tem assuntos que o interessam e tem dias que ele não aguenta a aula porque é muito chata.

Ao fazer a roda de conversa a professora perguntou o que cada carinha na representação da tabela quis dizer pra eles. Realmente estas Rodas de Conversa revelaram dificuldades de relacionamento em sala de aula e a pesquisa trouxe algumas coisas em difíceis de concordar, como dar o tempo inteiro jogos, como disse a outra sala, mas em sua maioria as exposições durante o diálogo foram bastante profundas e reflexivas. Este conversa foi um pouco conturbada no 6C que diante dessa forma diferenciada de abordar um assunto os alunos se desentenderam entre eles, posto que uns chamaram atenção dos outros, falando que a professora devia por pra fora os alunos que são chatos, dar suspensão, alguns aproveitaram pra jogar papel em quem o ofendeu, do questionário (anexo 3), mas faltando 20 minutos para a aula terminar, tudo correu bem e a conversa fluiu de forma amigável e rica em entendimento do comportamento de alguns. Neste momento houve falas que não diziam respeito à aula, contudo foi um desabafo da aluna. Essa aluna disse que as alunas não falam com ela em sala de aula porque ela é quase careca e ficam com medo de pegar sua doença, por isso ela nem participa das aulas

porque não quer chamar a atenção de ninguém. A sala ficou muda neste momento. Esse momento vem ao encontro de Rousseau (1762), [...] a criança nasce inocente, mas corre o risco de ser sufocada por “preconceitos, autoridade, necessidades, exemplos de todas as instituições sociais em que estamos submersos (...)”.

Ao final desta dinâmica a pesquisadora compreendeu ser pertinente repetir alguns momentos como esse de roda de conversa, pois auxilia a sala de aula a entender colocações da mediadora do processo da conversa e promove a autonomia quando o participante se posiciona de forma clara e espontânea e revela fatos de dificuldades existências de alguns participantes. É um recurso que promove paulatinamente o diálogo em sala de aula.

Finalizo estas reflexões acerca de todos os instrumentos utilizados para a realização desta pesquisa, entendendo que a fala faz parte do ser humano, por isso me foram reveladas tantas questões que não cabiam descobrir em outros momentos. Como afirma Poyares (1983, p. 141)

A fala consoma o fenômeno humano. Seja no âmbito da eficácia administrativa (teoria dos sistemas aplicada à comunicação), seja no plano social (o discurso político, a fofoca) ou no relacionamento interpessoal, falar é simultaneamente compreender ou fechar-se, conquistar ou afastar, envolver ou agredir, percorrendo todos os momentos desse ciclo de manifestação total da condição de gente. POYARES (1983, P. 141)

Neste capítulo foram apresentados os instrumentos que forneceram sustentação às reflexões da pesquisadora, tais como: roda de conversa, entrevista, diário de campo etc. No capítulo seguinte será possível verificar ponderações sobre a pesquisa de intervenções a serem realizadas para a melhoria da motivação do aluno em sala de aula.

A pesquisa trouxe respostas as perguntas norteadoras que são:

1 – Qual a visão dos alunos sobre as aulas de Língua Inglesa?

2 – A partir das reflexões do aluno, como adaptar o Planejamento das aulas de Inglês no 6º ano?

Os recursos utilizados trouxeram respostas às questões norteadoras, pois as visões dos alunos em relação ao inglês eram diferentes do que eu pensava. Quanto ao Replanejamento adaptei de acordo com as sugestões dos alunos, seguindo seus interesses e trazendo à motivação em sala de aula.

CAPÍTULO 4 - PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO DO PLANEJAMENTO/INTERVENÇÕES

Apresento aqui algumas propostas de intervenção, tais como: refazer cuidadosamente o meu Planejamento Bimestral das salas assim que perceber que não está de acordo com as necessidades dos alunos.

Refazer o Planejamento trouxe novas perspectivas ao trabalho em sala de aula, valorizando o que aluno precisa para aprender Inglês. E isto solidifica o que Hutchinson e Waters (1987, pág. 54), demonstraram em seu livro que devemos nos perguntar: O que é mesmo necessidades? E isso nos ajuda a ter habilidade quando pensamos em um conteúdo e perceber se o aluno quer ou necessita aprender aquilo? Considerar as questões citadas traz a motivação para a aprendizagem da Língua Inglesa, formando um aluno consciente e inserido de seu papel de cidadão. E essa forma de analisar as aulas possibilita enxergar quais são as expectativas dos alunos em relação ao Inglês e suas dificuldades.

Meu Replanejamento (anexo 5) está em consonância com os PCN-LE (Brasil, 1998) que explicita que o foco do ensino-aprendizagem está na interação do professor e aluno. O que diferencia meu planejamento atual do anterior é a forma de executá-lo, valorizando o contexto em que o planejamento será aplicado e ressaltando o que o aluno traz consigo e o que ele precisa aprender.

Outra proposta é adotar o uso do diário de campo que proporciona reflexão às atitudes e melhor percepção do trabalho contínuo em sala de aula.

E por fim, ouvir mais o que o aluno traz consigo e suas dificuldades em sala de aula referente à disciplina de inglês. Aceitar mais as opiniões, ideias sobre aulas diferenciadas, afinal ele sendo um ser em desenvolvimento também tem outros aprendizados que são possíveis repassar à professora.

O nível da indisciplina ainda existe, todavia não posso deixar de considerar que a taxa de rejeição à disciplina de Língua Inglesa é bastante relevante em relação à antes de meus estudos, reflexões, conjectura a respeito do que é a disciplina de língua inglesa, o que o aluno precisa, prefere, o que é

necessário para que a aula seja contextualizada e para que haja a aprendizagem.

Percebo que este trabalho mostrou-me uma proposta inovadora e vem ao encontro dos anseios do professor e do aluno quanto a uma melhor abordagem do ensino do Inglês, pois após aplicação deste questionário as dificuldades ainda continuarão a existir, contudo serão menores e mais distantes, visto que os alunos tornam-se mais autônomos em sala de aula.

Acredito que após tantas indagações respondidas pelos aprendizes, torna-se inegável a mudança do Planejamento anterior, ou melhor, o meu Planejamento contempla algumas questões abordadas no questionário, todavia necessito reformular algumas partes, tais como: textos com curiosidades de outros países e a música, pois só contemplo em um bimestre e infelizmente o currículo está distante do aluno e cabe a mim, aproximá-lo. Reforçando a minha colocação anterior: Perceber os *needs* e *wants*, é necessário para uma boa aproximação com os alunos.

Meus Planejamentos anteriores (anexo 4), estavam muito voltados ao conteúdo gramatical, deixando a preocupação com o entendimento, contextualização praticamente esquecidos, jogos e dinâmicas engavetados. Já refiz e também retirei alguns pontos que julguei desnecessários.

Replanejar é perceber que devemos dar subsídios aos aprendizes para que percebam a importância da língua inglesa e façam mudanças no meio em que estão inseridos. E a “reinvenção de práticas pedagógicas” (cf. FREIRE, 1974)

Urge trazer à tona a motivação do aprendente que está no lago escuro e precisa vir ao Sol. A vontade de aprender e reconhecer a importância não só da aprendizagem de Língua Inglesa, mas o reconhecimento de alguém que quer crescer junto com ele, de alguém que se aproxima e tenta acertar todos os momentos em que entra em sala, porém reconhece suas fragilidades e sabe que o crescimento é uma via de mão dupla no qual ambos percorrem a mesma estrada, mesmo que em condições um pouco diferentes, o prazer à aquisição do conhecimento é pertencente a todos os envolvidos neste processo de entendimento de uma língua estrangeira. Professor e aluno crescem juntos e não distantes um do outro. Essa pesquisa me trouxe alguns esclarecimentos

sobre autores de importância quanto ao aspecto afetivo, considerações acerca do aluno e sua desmotivação às aulas de Língua Inglesa.

E lembrando que as práticas reflexivas devem ser tornar primordiais em nossa jornada educativa e só farão parte de nosso caminhar se formos à busca de inovações. E me permitem investigar melhor acerca das aulas de Inglês.

E para replanejar vale adentrar no sentido da frase: “Professor, conhece a tua profissão e conhece-te a ti mesmo como professor para te assumires como profissional de ensino, para ajudares os teus alunos a descobrirem-se a si próprios como alunos” (Alarcão, 1996). Esse questionário possibilitou esse reconhecimento, e com direcionamentos de estudos e leituras mais aprofundadas, o Planejamento será contextualizado às necessidades do aluno e também pautado nos PCNs-LE (Brasil, 1998).

Possibilitar conceitos e consolidar o aprendizado: eis um grande desafio!

Este capítulo trouxe propostas, como: dar voz ao aluno, fazer diário de campo, replanejar sempre que for percebida a desmotivação em sala e refletir sempre sobre a prática pedagógica, possibilita aulas prazerosas para professor e aluno que aprendem juntos no cotidiano escolar.

Aqui uma forma sintetizada do aprendizado com a realização desta pesquisa.

Professora antes da pesquisa	Professora após a pesquisa	Intervenções futuras
Uso de conteúdos gramaticais	Uso de conteúdos contextualizados	Refazer planejamento bimestral
Postura rígida	Postura flexível	Adotar o uso do diário de campo
Considerar somente o conteúdo proposto em aula	Considerar conhecimentos do aluno	Dar voz ao aluno com rodas de conversa
Relacionamento formal com o aluno	Promove a afetividade com o aluno	Proporcionar conceitos
Utilização de lousa, livros e xérox de atividades	Utilização de novas tecnologias	Consolidar o aprendizado com novos instrumentos

Tabela - Resumo do Planejamento: o antes e o depois da pesquisa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações descritas anteriormente foram elementos desencadeadores de conflitos em minhas ações, pois eram quase que automáticas, acreditando que a prática e a certeza de aulas dinâmicas não necessitavam de muita reflexão, umas vez que os alunos participavam satisfatoriamente e tinham entusiasmo ao se deparar com minha presença em sala de aula, todavia percorrer estes novos caminhos, ou melhor, aplicar o questionário Needs Analysis, levou-me a novos rumos, pois as respostas me deram direcionamentos fazendo-me renovar o que já estava inserido há tempos e reencontraram a professora Lene que eu nem sabia que estava perdida.

Em minhas conjecturas, a materialização da abordagem descrita no trabalho, discutida em vários momentos em orientação com a professora Luciana Penna, resgataram apontamentos que para mim, no inconsciente, não julgava pertinentes. Claro que tive que me despir da vaidade de achar que já era suficiente alguns alunos gostarem de mim. No entanto, hoje vejo que se eu não souber responder: Pra que estou abordando determinado assunto? Onde o aluno irá usar este conteúdo? O que irá mudar na vida dele o que estou desenvolvendo? O que ele gosta de aprender? O que não está bom em minhas aulas? Que necessidades estou contemplando às minhas aulas: o *needs*, *wants* ou *lacks*? E muitas outras indagações caberiam aqui, mas estas são as que mais me chamam a atenção.

Não sei se lembrarei a todo o tempo de tais questionamentos, mas partindo do pressuposto que já houve uma transformação e aceitação, ainda que pequena de minhas ações, isso possibilitará que a minha profissão seja sempre composta de novos horizontes, e entender que por vezes serei aprendiz, e por outras serei a educadora.

Se eu estiver aberta às transformações, essas reflexões se reconstruirão a cada momento que houver impressões negativas acerca do aprendizado ou mesmo em simples momentos, onde é necessário repensar a prática. As leituras que tenho feito em sala e diálogos informais e discussões sobre as ações dos colegas em reflexões coletivas e principalmente o resultado a

respeito do questionário de Needs Analysis são responsáveis por tais transformações.

É importante ressaltar, esse trabalho só foi realizado porque conheci no módulo: Planejamento de ensino: necessidades, objetivos e conteúdos.

E o questionário me fez perceber que as *needs* (necessidades) e *wants* (querer) são necessários para que o indivíduo saiba se encontrar em determinadas situações quanto à língua, e que o aprendizado também tem um papel primordial e não somente o atendimento às vontades; e isso é necessário para um avanço com aqueles alunos que ainda não despertaram para a minha disciplina. Essa falta de espaço para o *wants* dificultava bons resultados na disciplina e eu ingenuamente, achava que não precisava partir das *lacks*, pois imaginava que tinham pouco conhecimento, isso me mostrou algumas dificuldades no dia a dia e que eu espero que sejam sanadas após eu ter feito a pesquisas nas salas em que leciono e depois de ter lido Hutchinson and Waters (1987, p. 55), que me revelaram aspectos diferenciados do magistério.

Lembrando da frase que citei na epígrafe deste trabalho, ao finalizá-lo eu percebi a importância de parar e olhar e ouvir cada aluno ou se isso não for possível é preciso parar e perceber o que o silêncio dos resultados bimestrais quer dizer e quando a maioria tirar notas vermelhas e não dialogar, isso mostra o quanto estão com dificuldades com a disciplina ou com o professor.

Esta pesquisa ofereceu-me um aprendizado único: o de rever a mim mesma e despir-me das vaidades pré-estabelecidas ao longo dos anos de magistérios. Vaidades essas que se cristalizam e nem sequer percebemos, porque o cotidiano do magistério não nos fornece tempo ou mesmo vontade de mudanças. Foi necessário um curso de Especialização para eu rever os meus conceitos.

Espero não perder-me de mim mesma novamente e se isso ocorrer, que eu tenha a dignidade de refazer-me a cada curso em que eu fizer para poder melhorar a Educação e fazer com que a língua inglesa se torne prazerosa, ou melhor, lecionar continue sendo uma paixão e não uma rotina.

Desse modo, sinto a necessidade de mencionar Pessoa (1998, p.29) “criar alunos autônomos, que saibam pensar, tomar as próprias decisões e estudar sozinhos, é uma das metas do ensino”. Quando o aluno adquirir essa autonomia, a aula será tranquila, pois o aprendiz saberá quais caminhos a

seguir para um efetivo aprendizado, concomitante a isso a motivação adentrará o interior desse aluno, trazendo uma aula motivada a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, onde professor e aluno descubrem juntos o crescimento educacional e pessoal.

Durante a pesquisa, foi possível perceber que a resistência da maioria dos alunos não é em relação à língua inglesa e sim, da dificuldade de entender os caminhos didáticos percorridos pelo professor.

Afirmo que a Análise de Necessidades em sala de aula deve ser priorizada e ocupou um lugar de destaque já no início do ano na elaboração do Planejamento e essa elaboração foi revista no decorrer do ano, visando objetivos específicos do aluno e da língua.

Houve algumas limitações em minha pesquisa, como organizar melhor algumas salas no momento da roda de conversa, fazer mais entrevistas com alguns alunos cujas respostas eram interessantes. No entanto, a quantidade de materiais utilizados absorveu em demasia o processo de análises e desenvolvimento, todavia alguns dos materiais alcançaram alguns alunos de forma satisfatória e o fizeram participar sem muita insistência da pesquisadora.

As propostas apresentadas podem ser renovadas e aprimoradas de acordo com o contexto a ser realizado.

Futuras pesquisas serão feitas de forma mais individual, considerando o coletivo de forma mais superficial. Os materiais a serem utilizados com cada aluno possibilitarão uma melhor verificação das metodologias a serem modificadas em sala de aula e trarão avanços pontuais a cada dificuldade existente em sala de aula.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera **A desmotivação dos alunos da escola pública da 8ª série/9º ano pelo ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.** Monografia-Especialista em Práticas Reflexivas e Ensino – Aprendizagem de Inglês na Escola Pública. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

ALARCÃO, Isabel (Org) et al. **Formação reflexiva de professores: estratégia de supervisão.** Portugal: Porto Editora, 1996.

ALLWRIGHT, Dick. **Contextual factors in language learning: an overview.** Summer Institute in English and Applied Linguistics, University of Cambridge, 1995.

APOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa.** São Paulo, 2012.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. **Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês.** *Linguagem & Ensino*, 2006, p.145-175.

BASSO, E. A. **Quando a crença faz a diferença.** In: BARCELOS, A. M. F. & Abraão, M. H. V. (orgs.), *Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2003, p.23.

BERGMANN, Juliana Cristina Faggio. **Aquisição de uma língua estrangeira: o livro didático como motivador.** 2002. 163 f. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

BODGAN, Robert & Biklen, S. (1994). **Investigação Qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental – Língua Estrangeira.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROWN, Douglas. **Teaching by Principles An Interactive Approach to Language Pedagogy.** Prentice Hall Inc. USA, 1994.

CAMPANI, Daiana. **Reflexões sobre ensino de línguas materna e estrangeira no Brasil: aproximações, distanciamentos e contradições.** 2006. Disponível em: <<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v9n2/08Campani.pdf>> Acesso em: 21 de novembro de 2017

CARVALHO, Keila. **Análise de necessidades para a disciplina Língua Inglesa em um curso de Letras.** 234 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

CELANI, Maria Antonieta Alba. **Transdisciplinarity in the teaching of English as a foreign language**. In: GRIGOTETTO, M; CARMAGNANI, A. M. G. (Org.) Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade – English as a foreign language: identity, practices and textuality. São Paulo: Humanitas – FFLCH; USP, 2001. p. 29-38.

CIOPOPO, Marisa Del. Celèstin Freinet: Uma **pedagogia de atividade e cooperação**/Marisa Del Cioppo Elias. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

COELHO, Hilda Simone H. “**É possível aprender inglês na escola?**” **Crenças de professores sobre o ensino de inglês em escolas públicas**. In: BARCELOS, Ana Maria F.; VIEIRA ABRAHÃO, Maria Helena (Orgs.). **Crença e de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas, Pontes, 2006.

CORDIÉ, AnnyOs **atrasados não existem: psicanálises de crianças com fracasso escolar**. Porto Alegre, 1996.

COSTA E SILVA, E. L. et al Made in USA. **Building The Way**, UEG-Itapuranga, no. 2, p. 49-50, June 2002.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

CROOKES, Graham e SCHMIDT, Richard. **Motivation: Reopening the Research Agenda**. **Language Learning**, 41, 469-512. 1991.

DELORS, Jacques et al. (1994). Educação – **Um Tesouro a Descobrir**. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Porto: Edições ASA.

DEMO, Pedro. **Conhecimento e aprendizagem, atualidade de Paulo Freire**. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/torres/dem.pdf>>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

DÖRNYEI, Zoltan. **Motivational strategies in the language classroom**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ECCELI, Simone Deperon. **A motivação como prevenção da indisciplina**. Educar em Revista, n. 38, Curitiba: 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a14>>. Acesso em: 21 de agosto de 2017.

FRANCO, M.L.P.B. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: PUC; 1986.

FRANCO, M.L.P.B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber, 2005, p.13.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da pesquisa-ação**. In: Revista Educação e Pesquisa, v.31, n. 3, p. 483-502. São Paulo, set/dez 2005.

Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>>Acessado em: 14 de setembro de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Uma educação para a liberdade**. Porto/Portugal: Textos Marginais, 1974.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FRIGOTTO, Márcia Maria. **As relações entre estratégias de aprendizagem, motivação e aprendizagem de línguas estrangeiras**. Curitiba, 2006. Monografia (Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

GARDENER, Robert. (1985). **Social psychology and second language learning: The role of attitudes and motivation**. London: Edward Arnold.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Zahar: Rio de Janeiro, 1973.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Altas, 1996.

GIMENEZ, T. **Desafios contemporâneos na formação de professores de língua: Contribuições da Linguística Aplicada**. Campinas SP: Pontes-ALAB, 2005.

GODOY, Arilda Schmidt. **A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas**. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71, jul./ago. 1995.

HIRANO, Aline Renata. **Motivação como Ferramenta no Aprendizado da Língua Inglesa**. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

HUTCHINSON, Tom; WATERS Alan, **English for Specific Purposes: a learning-centred approach**. Cambridge University Press. 1987, p. 53-55. Capítulo 6 “Needs Analysis”

KRAMSCH, Claire. (1993). **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

LEFFA, V. J. **Teaching English as a multinational language. The Linguistic Association of Korea Journal**, Vol. 10, No. 1, 2002, p.29-53. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/autonomia.pdf>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

LEFFA, V. J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999. Disponível em <<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/oensle.pdf>>. Acesso em 20 de junho de 2016..

LEFFA, V.J. **Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas**. Trabalho apresentado no II Forum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras (II FILE). Pelotas: UCPel, agosto de 2002. Disponível em www.leffa.pro.br. Acesso em 14 de setembro de 2017.

LEFFA, V. J. **Pra que estudar inglês, profe?: Auto-exclusão em língua estrangeira**. Claritas, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 47 - 65, maio 2007.

LEFFA, V. J. **Criação de Bodes, Carnavalização e Cumplicidade. Considerações Sobre o Fracasso da Lei na Escola Pública**. In: CÂNDIDO DE LIMA. Diógenes. (Org.). **Inglês em Escolas Públicas Não Funciona: uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.15-16.

LIBERALI, F. C. **Atividade social nas aulas de língua inglesa**. 1ªEd.São Paulo, Editora Moderna, 2009.

MAGALHÃES, M. C. C. (Org.). **A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MALTA, Valéria Duarte; TEIXEIRA, Maria Madalena Santos. **O desinteresse dos alunos da escola pública pelo ensino de Língua Inglesa e a intervenção da Psicopedagogia como formação de solução de prevenção**. Disponível em <[http://esperanca na educacao.blogspot.com](http://esperanca-na-educacao.blogspot.com)> Acesso em 10 novembro de 2017.

MCCOMBS, B e POPE, J.E. **Motivating Hard to Reach Students**. Washington American Psychological Association, 1994.

MECMinistério da Educação e do Desporto. **Secretaria de EducaçãoFundamental – Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Estrangeira**. Brasília, 2000.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de lingüística aplicada**. Rio de Janeiro: Mercado de Letras, 1996, p.132.

MOITA-LOPES, L.P. **A nova ordem mundial, os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política**. In: L, BARBARA; R.C.G. RAMOS (orgs.). **Reflexões**

e ações no ensino-aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 2003, pp. 29-57.

NICOLAIDES, C. **A busca da aprendizagem autônoma de línguas no contexto acadêmico.** Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

NEVES, José Luís. **Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisa em administração, São Paulo, v. 1, nº 3, 1996.

NÓVOA, ANTONIO. **Profissão Professor.** 2ªed.Coleção Ciência da Educação. Porto –Portugal: Porto Editora 2008, p.15.

OLIVEIRA, D.C., **Análise de Conteúdo TemáticoCategorial: Uma proposta de sistematização.** Rev. Enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2008 out/dez; 16(4):569-76.

OLIVEIRA, M. K. **Pensar a educação; contribuições de Vygotsky.** In: CASTORINA, J. A., FERREIRO, E., OLIVEIRA, M. K.de e LERNER, D. Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate. São Paulo, Ática, 1995.

PAIVA, V. L. M. (Org.). **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

PAIVA, V. L. M. **O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia.** In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Conversas com especialistas. São Paulo: Parábola, 2009, p. 31-38.

PARENTE, Maisa Coelho. **A motivação e/ou a desmotivação na aula de língua inglesa dos alunos do 9º ano: um estudo de caso.** Universidade Federal de Tocantins, 2013. Artigo de Pós Graduação na Universidade de Tocantins, 2013.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor.** Porto Alegre: Artmed. 2002.

PESSOA, Ana Maria. **Ciências no Ensino Fundamental: o conhecimento físico.** São Paulo: Scipione, 1998.

POYARES, Walter Ramos. **Falo, logo sou: o fenômeno humano da comunicação.** Rio de Janeiro: Agir; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1983.

RAMOS, R. C. G. **Questionário de Necessidades e Objetivos do Ensino de Inglês na Escola Pública.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.

RAMOS, R. C. G. **Instrumental no Brasil: a desconstrução de mitos e a construção do futuro.** In: FREIRE, M.; ABRAHÃO, M.H.V.; BARCELOS, A.M.F.

(Org). *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. Campinas, SP: Pontes, 2005, p. 109-123.

RIZZINI, I.M. R. SARTOR, C.D. **Pesquisando Guia de Pesquisa para programas sociais**. RJ: Ed. Uri. Sta. Úrsula, 1999.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. 9. ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2002.

ROGERS, C. R. *Liberdade para Aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ROGERS, C. R. **Freedom to learn**. Columbus: Charles Merrill, 1969.

ROGERS, C. R. **“Tornar-se pessoa”**. Trad. Manuel J. C. Ferreira, 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROMERO, T.R.S. **Reflecting through autobiographies** in teacher education. In. Burton, J Quirke, P.; Reichmann, CL & Peyton, J.K. 9eds). *Reflective writing: a way to lifelong teacher learning*. USA. TESL-EJ Publications. 2009. P. 82-95.

SACRAMENTO, E.S. **O papel do professor na motivação no ensino de língua inglesa**. Monografia do curso de Letras. Conceição do Coité, 2012.

SCHÖN, D.A. *Education the Reflective Practitioner*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers. 1987.

SANTOS, L.I.S.. **Crenças acerca da inclusão de língua inglesa nas séries iniciais: quanto antes melhor?** Cuiabá, MT. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso– UFMT, 2005, p. 232.

SILVA, Elvira Livonete Costa. **A importância da motivação no aprendizado de uma segunda língua**. Goiás 2003. Monografia para conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga. Goiás, 2003.

SKINNER, B. F.– **O mundo interior da motivação e da emoção**. São Paulo, Cultrix, 1974.

SMYTH, J. 1992. **Teachers work and the politics of reflection**. *American Educational Research Journal* 29(2).

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Pontes, 1993, p.102.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WITTER, Geraldina Porto; LOMÔNACO, José F. Bittencourt . **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: EPEU, 1984.

ZACHARIAS, N. **Acknowledging learner multiple identities in the EFL classroom.** K@ta – a biannual publication on the study of language and literature. v. 12, n. 1, 2010.

Sites relacionados

1 - Disponível em:

<<http://docplayer.com.br/802563-Hilda-simone-henriques-coelho-e-possivel-aprender-ingles-na-escola-crencas-de-professores-e-alunos-sobre-o-ensino-de-ingles-em-escolas-publicas.html>> Acesso em: 18 de maio 2017.

2-Disponível em:

<https://books.google.com.br/books/about/Motivating_Hard_to_Reach_Students.html?id=0zZoQgAACAAJ&redir_esc=y>. Acessado em 19 de maio de 2017.

3-Disponível

em:<<https://oei.es/historico/congreso2014/memoriactei/1390.pdf>> Acessado em 20 de julho de 2017.

4-Disponível em

:<<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1861690>> Acessado em 27 de julho de 2017.

5 - Disponível em:

<<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21827/21827.PDFXXvmi>>
Acessado em: 10 de agosto de 2017.

6 - Disponível em:

<http://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/artigos/n4_2011/fronteira_digital_n4_2011_art_5.pdf>Acessado em 13 de agosto de 2017.

7 - Disponível em:

< <http://www.sala.org.br/index.php/estante/academico/468-qual-a-verdadeira-finalidade-do-ensino-da-lingua-inglesa-na-escola>>. Acessado em 18 de agosto de 2017.

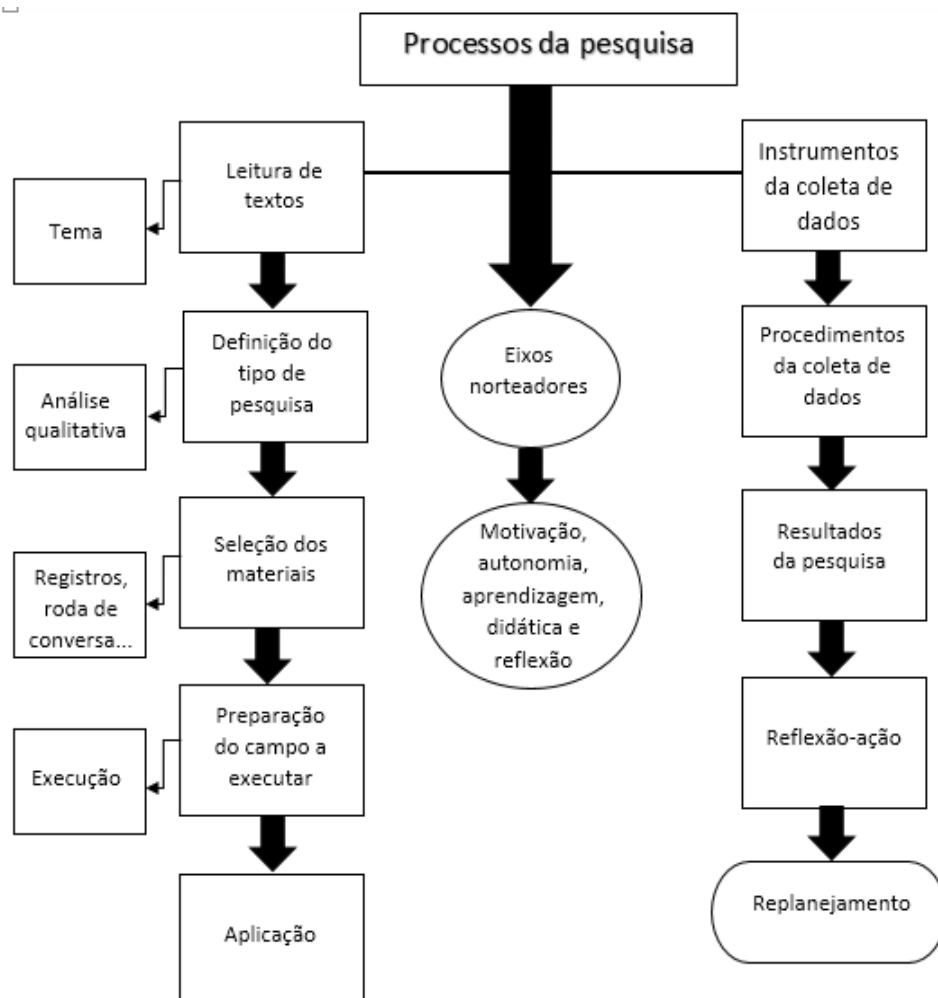
8–Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5>>Acessado em 17 de outubro de 2017.

9 – Disponível em:

<<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/autonomia.pdf>> Acessado em 02 de novembro de 2017.

ANEXO 1 - Processos da pesquisa



ANEXO 2 - Questionário 1

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Curso de Especialização

Práticas reflexivas e ensino-aprendizagem de Inglês na escola pública

Questionário elaborado pela ProfªDrªRosinda de Castro Guerra Ramos para o módulo de Necessidades e Objetivos do Ensino de Inglês na Escola Pública do curso Reflexão sobre a Ação: o Professor de Inglês Aprendendo e Ensinando (1998).

O objetivo deste questionário é obter informações a seu respeito para um melhor planejamento de seu curso de inglês.

Idade: _____ Série _____ Data: _____

1. Você estudou Inglês no Ensino Fundamental?

Sim _____ Não: _____ Quanto tempo? _____

2. Você faz / fez algum curso de Inglês fora da escola? Quanto tempo?

3. No que você acha que o inglês contribui / pode contribuir para sua vida?

4. Você tem interesse e está motivado para aprender Inglês? Assinale com um X uma das alternativas abaixo:

- a) Altamente motivado
- b) Muito interessado e motivado
- c) Mais ou menos interessado e motivado
- d) Pouco interessado e motivado
- e) Nada interessado ou motivado

5. O que mais gosta de fazer com Inglês? Assinale com um X uma ou mais alternativas: Falar _____ Ouvir _____ Ler _____ Escrever _____

6. O que você faz no seu tempo livre? Escreva abaixo 5 atividades:

- a) _____
- b) _____
- c) _____

d) _____

e) _____

7. Como você estuda melhor? Assinale com um X:

Sozinho? ____ ComColegas? ____

8. Na sua opinião quais itens abaixo são um problema para sua aprendizagem de inglês? Assinale com X uma ou mais alternativas:

_____ falta de vocabulário

_____ falta de motivação

_____ falta de oportunidade para usar o que aprende

_____ medo de errar e ser criticado

_____ pouco conhecimento das regras gramaticais

_____ não entender o que o outro fala

_____ outros. Especifique _____

9. Você se sente à vontade falando Inglês em sua sala de aula?

() Sim () Não

10. Se a resposta for negativa, qual a razão? Assinale mais de uma se necessário:

_____ atitude do professor diante dos erros

_____ crítica dos colegas quando alguém comete um erro

_____ frustração diante da repetição de um determinado erro

de gramática ou pronúncia

_____ falta de interesse

_____ outros. Especifique _____

11. O que você gostaria de aprender nas aulas de inglês? Assinale mais de uma:

_____ escrever textos diversos

_____ traduzir textos

_____ ler melhor textos diversos

_____ falar bem em diversas situações

_____ ouvir e conseguir entender o que os outros falam

_____ outros. Especifique _____

ANEXO 3 - Questionário 2
A LÍNGUA INGLESA E VOCÊ

Aluno: _____ Série _____ Data: _____

1. Você considera importante fazer curso de Inglês fora da escola?

A) Sim b) Não. Por quê?

2. O Inglês hoje é importante em sua vida? a) Sim b) Não. Por quê?

3. Na sua opinião, quem é o melhor professor de inglês? Escolha apenas uma alternativa:

a) Americano b) Brasileiro c) Que morou fora do Brasil d) De outra nacionalidade

4. O que mais gosta de fazer com Inglês? Assinale com um X uma ou mais alternativas:

a) Ouvir música b) Assistir filme c) Jogar game d) Falar com pessoas na Internet e) Outros. Quais? _____

5. Você tem motivação nas aulas de Inglês?

a) Sim b) Não. Por quê?

6. Desde que você tem aulas de Inglês, a tua motivação é a mesma? Por quê?

7. Como você se sente ao falar Inglês em sala de aula? Circule uma

carinha 😭 😜 😊 😄 😍 😬

8. Para você o que precisa ser mudado nas aulas de Inglês?

9. É mais fácil aprender Inglês ou Português?

10. Como você se sente hoje nas aulas de Inglês? a) Totalmente motivado b) Mais ou menos motivado c) Nada motivado

11. O que você achava das aulas de Inglês que você tinha anteriormente?

12 –Quais atividades deveriam ser dadas mais vezes?

- a) Oportunidades de conversar em inglês b)Leitura de textos variados (revistas, gibi, jornais etc) c) Música d) Jogos e) Outros_____

13 – Quais características deve ter um bom professor de Inglês?

ANEXO 4 - Planejamento anterior

6ª SÉRIE

- Textos	Apoiar-se na linguagem não verbal e em palavras transparentes para a compreensão do texto. Observar as iniciais maiúsculas de nomes próprios. Deduzir o significado de palavras e expressões pelo contexto de uso. Identificar referência pronominal. Identificar informações específicas e implícitas. Transferir informações da linguagem verbal para a não-verbal
- Meses; estações do ano; datas completas e dias da semana	Conhecer os nomes dos meses; estações do ano e dias da semana. Escrever e dizer datas completas.
- Numerais ordinais	Conhecer os numerais ordinais
- Pronomes pessoais oblíquos	Compreender e usar os pronomes pessoais oblíquos.
- Wh-questions no Simple Present com when, where, what, why, how	Compreender, fazer e responder wh-questions no Simple Present com when, where, what, why, how
- When; preposições de tempo	Usar in, at ou on como expressões de tempo.
- Howoften; advérbios de frequência	Perguntar sobre frequência de atividades, Compreender e usar advérbios e locuções adverbiais de frequência com o SimplePresent
- Horas	Conhecer horas não-inteiras.
- How much (Preços)	Compreender e usar howmuch para perguntar preços. Responder sobre preços.
- Which one(s)?/one(s)	Compreender e usar whichone(s)
- Substantivos contáveis e não-contáveis; a/na; some	Distinguir substantivos contáveis de não-contáveis. Compreender e usar a/na e some.
- Comidas	Conhecer vocabulário relacionado a comida
- Adjetivos; descrição de pessoas	Usar adjetivos para descrever pessoas.
- Tag questions (to be)	Compreender e usar tagquestions com o verbo tobe.

ANEXO 5 - Replanejamento atual

1º Bimestre	2º bimestre	3º bimestre	4º bimestre
1. Activities of listening-escolha da música com os alunos	1. Personal pronouns com jogo da memória	1. Numbers - 50-100- utilizar o bingo	1. Halloween- Festa a caráter com vídeos acerca do tema
2. Activities of speaking com vídeos	2. W-questions com dinâmicas	2. School objects- Fazer sorteio, quem acertar o nome em inglês ganha o	2. Apresentação of music and party
3. Os tipos de sons na LI - Língua Franca, usar jogos na informática	3. Possessive pronouns		3. Connectives - and, but...
4. Filmes para verificação do som e do listening	4. Revision of alphabet com música	3. Qualities: Escrever o que cada um acha de si e do amigo	4. Prepositions: Pesquisa na sala de informática between, next, com vídeos do youtube
	5. Family relationships: usar jogo da memória	4. Time	5. Pronouns: this, these, that, those
5. Exercícios de grammar	6. Indefinite article- revision	5. Let's affirmative, negative:	
6. Countries	7. Demonstrative pronouns singular and plural	6. Film- speaking and reading	6. Clothes- desenhos e recortes
7. Sports, trazer objetos relacionados ao tema	8. Stories in English com livros infantis	7. music- listening, writing and reading com trabalhos de recorte em grupo ou em duplas.	7. Ordinal numbers
8. Film- reading and writing			

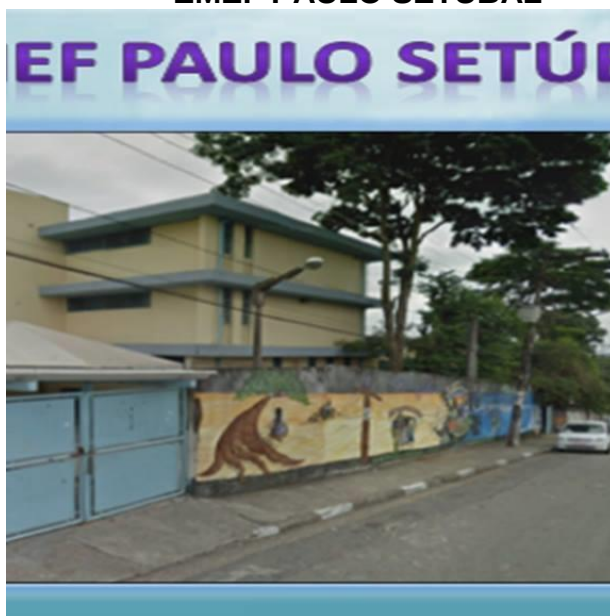
ANEXO 6 - Autorização de imagem
MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____,
portador da Cédula de Identidade nº _____, inscrito no CPF sob
nº _____, residente à Rua _____,
nº _____, na cidade de _____,

AUTORIZO o uso de minha imagem (ou do menor
_____ sob minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem
finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho
_____. A presente autorização é
concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada
em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em
destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação
em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o
uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos
conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, ____ de _____ de 2017.

**ANEXO 7 - Fotos da escola e dos participantes da pesquisa
EMEF PAULO SETÚBAL**



Local da realização da Pesquisa. Escola da Prefeitura/Interlagos

PARTICIPANTES



ANEXO 8– Dinâmica-roda de conversa

Aqui estão representados dois momentos diferentes:

a) Roda de Conversa sobre as respostas do questionário 1



b) Conversa sobre as respostas do questionário 2



ANEXO 9 - Atividade da Gravação de Aula

BLOW UP

B. Olhe as figuras e responda.



1



2



3



4



5

1. Where is the dog?

2. Where is the book?

3. Where is the computer?

4. Where is the calculator?

5. Where is the frog?

C. Observe as figuras e escreva uma lista de compras.



1



4



2



5



3



6

Shopping list

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
